CAPÍTULO 6
APRESENTAÇÃO DOS DADOS OBTIDOS E ANÁLISES INICIAIS DOS RESULTADOS

Tendo em vista a questão de pesquisa e os objetivos traçados, buscou-se, com o conflito e as questões apresentadas, que os sujeitos se posicionassem diante da situação proposta.

Assim, a partir dos dados coletados, buscaremos, de acordo com o objetivo 1, **identificar e analisar os modelos organizadores do pensamento a partir do modo como os sujeitos se posicionam diante da situação apresentada.**

Tendo em vista essa tarefa, consideramos importante esclarecer que, pelo fato de o conflito aplicado envolver três personagens, para podermos explicitar a que personagem estamos nos referindo ao realizar a análise dos dados, optamos pela seguinte denominação:

Tabela 2: Denominação das personagens do conflito

Primeira Personagem	a personagem protagonista – Fabiane/Pedro
Segunda Personagem	a personagem com que a primeira personagem teve uma relação por dois meses – Fabiane/Pedro
Terceira Personagem	a personagem com quem a primeira personagem está mantendo uma relação por sete meses

Antes ainda de adentrar diretamente na descrição dos modelos organizadores do pensamento, lembramos que, conforme anunciado no capítulo anterior, a questão 3 não constará na análise, pois pudemos observar que a mesma não modificou de maneira significativa a forma como os sujeitos se posicionaram perante o conflito. Por essa razão, os modelos organizadores serão descritos e analisados tendo-se em vista as questões 1, 2 e 4, as quais sejam:

1. Você acha que Fabiane/Pedro gosta de Pedro/Fabiane? Por quê? Explique detalhadamente sua resposta.

2. Você acha que Pedro/Fabiane gosta de Fabiane/Pedro? Por quê? Explique detalhadamente sua resposta.

4. Se Fabiane/Pedro fosse sua/seu melhor amiga/o, qual o conselho que você daria para ela/e? Explique detalhadamente sua resposta.

Posto isso, passamos ao primeiro passo para a identificação dos modelos organizadores. Elencamos, pois, em um processo de análise refinada, através de diversas leituras dos dados, quais os elementos abstraídos pelos sujeitos e retidos como significativos, conforme apresentamos na tabela abaixo:

Tabela 3: Núcleo central dos elementos

Elementos abstraídos e retidos como significativos
Sentimentos da primeira personagem
Comportamento da primeira personagem
Imagens atribuídas à primeira personagem
Sentimentos da segunda personagem
Comportamento da segunda personagem
Imagens atribuídas à segunda personagem
Sentimentos entre a primeira e a segunda personagens
Sentimentos da terceira personagem
Imagens atribuídas à terceira personagem
Percepção sobre o tempo
Percepção sobre o amor

O passo seguinte consistiu na identificação dos significados atribuídos aos elementos abstraídos, conforme apresentamos na tabela abaixo:

Tabela 4: Núcleo central dos elementos e significados

Elementos abstraídos e retidos como significativos	**Significados atribuídos aos elementos**
Sentimentos da primeira personagem	• ama a segunda personagem; • gosta da segunda personagem; • apaixonada pela segunda personagem; • encantada pela segunda personagem; • não gosta da segunda personagem; • não ama a segunda personagem; • gosta da segunda personagem , mas não a ama; • iludida pela segunda personagem; • insegura do sentimento da segunda

	personagem; • envergonhada em demonstrar sentimento pela segunda personagem; • tem medo de demonstrar sentimento pela segunda personagem.
Comportamento da primeira personagem	• não consegue esquecer a segunda personagem; • não lutou para manter a relação com a segunda personagem; • deve lutar pela segunda personagem; • não deve se envolver em uma relação séria, tal como o namoro; • deve “ficar”, “pegar”; • deve cuidar para não magoar, ferir e/ou iludir a terceira personagem; • deve investir no relacionamento com a terceira personagem; • deve esquecer a segunda personagem; • deve refletir sobre seus sentimentos.
Imagens atribuídas à primeira personagem	• é insegura; • é orgulhosa; • gosta de sofrer; • ilude-se fácil; • foi iludida pela segunda personagem.
Sentimentos da segunda personagem	• ama a primeira personagem; • gosta da primeira personagem; • não ama a primeira personagem; • não gosta da primeira personagem; • insegura do sentimento da primeira personagem; • envergonhada em demonstrar sentimento pela primeira personagem; • tem medo de demonstrar sentimento pela primeira personagem.
Comportamento da segunda personagem	• escolheu ter uma relação com a primeira personagem, mesmo tendo diversos(as) pretendentes; • não consegue esquecer a primeira personagem; • não lutou para manter a relação com a primeira personagem; • afastou-se da primeira personagem; • usou a primeira personagem; • esqueceu a primeira personagem.
Imagens atribuídas à segunda personagem	• é inseguro(a); • é “popular”; • é desejado(a); • é bonito(a); • é respeitoso(a); • “fica” com várias pessoas;

	• é “garanhão”[24]; • é “cafajeste”[25]; • não parece um(a) bom(boa) rapaz/moça.
Sentimentos entre a primeira e a segunda personagens	• as duas personagens gostam uma da outra; • somente a primeira personagem gosta da segunda; • somente a segunda personagem gosta da primeira; • as duas personagens gostam uma da outra, mas não se amam; • nenhuma das duas personagens gosta uma da outra.
Sentimentos da terceira personagem	• magoado(a); • ferido(a); • iludido(a); • gosta da primeira personagem.
Imagens atribuídas à terceira personagem	• é a pessoa ideal para a primeira personagem; • é bom(boa) rapaz(moça). • é respeitoso.
Percepção sobre o tempo	• dois meses é tempo suficiente para gostar de alguém; • dois meses é tempo insuficiente para gostar de alguém; • sete meses é tempo suficiente para gostar de alguém; • sete meses é tempo insuficiente para gostar de alguém; • o tempo é um elemento fundamental para a consolidação do amor.
Percepção sobre o amor	• o amor não se constrói; • o amor é único; • o amor é uma chama que não se apaga; • o amor é um sentimento pelo qual se deve lutar. • o amor requer tempo; • o amor requer diálogo; • o amor requer autorreflexão.

Esclarecemos que nem todos os elementos abstraídos e os significados atribuídos compareceram em todos os modelos que iremos descrever a seguir. O que procuramos, ao apresentar as Tabelas 3 e 4, foi tornar visível a diversidade de elementos e significados nos diferentes modelos organizadores do pensamento elaborados pelos sujeitos da pesquisa. Tais modelos serão descritos abaixo.

[24] Advindo de resposta de participantes do sexo feminino.
[25] Advindo de resposta de participantes do sexo feminino.

Ademais, esclarecemos que as implicações entre os elementos abstraídos e os significados atribuídos serão apresentadas nos diferentes Modelos Organizadores do Pensamento, visto que elas variam em cada um deles.

6.1 Objetivo 1: Descrição dos Modelos Organizadores do Pensamento

Visando responder ao primeiro objetivo específico traçado na presente investigação – ***identificar e analisar os modelos organizadores do pensamento a partir do modo como sujeitos se posicionam diante da situação apresentada*** – elaboramos o presente tópico.

Tendo em vista tal tarefa, destacamos que, a partir da identificação dos elementos abstraídos pelos sujeitos da pesquisa, dos significados atribuídos a esses elementos e das implicações entre os elementos e os significados, extraímos dos dados coletados **seis** Modelos Organizadores do Pensamento, os quais apontam para as distintas formas como os jovens organizam o pensamento para resolver o conflito apresentado.

Descreveremos detalhadamente cada um desses modelos abaixo.

6.1.1 Modelo 1: Investimento na relação entre Fabiane/Pedro e Pedro/Fabiane

Todos participantes que aplicaram o modelo 1 aconselharam o investimento na relação entre as duas primeiras personagens, isto é, entre Fabiane/Pedro e Pedro/Fabiane. Nesse sentido, os sujeitos sugeriram à primeira personagem “correr atrás”, “lutar”, “fazer o que o coração manda” e “nunca desistir” do “grande amor”.

Apesar de os sujeitos convergirem sobre o investimento na relação entre Fabiane/Pedro e Pedro/Fabiane, observamos algumas nuances dentro desse modelo e consideramos importante evidenciá-las, haja vista que estamos buscando compreender as regularidades, mas também as não-regularidades que se manifestaram na forma dos sujeitos resolveram o conflito. Por essa razão, dividiremos o modelo 1 em quatro submodelos, os quais serão denominados como – **submodelo 1A, submodelo 1B, submodelo 1C e submodelo 1D.**

Explicaremos cada um desses submodelos. Antes, contudo, atentamos para o fato de que, em todos eles, os sujeitos não mencionaram a terceira personagem do conflito ao aconselharem o investimento na relação entre a primeira e a segunda personagens. O investimento na relação entre essas personagens apareceu como se não houvesse uma terceira pessoa envolvida na história. Entretanto, isso não significa que os sujeitos não tenham feito referência a essa terceira personagem. Na questão 1 e 2, em alguns casos, ela aparece em plano secundário, assumindo papel de alguém que está bloqueando a relação entre Fabiane/Pedro e Pedro/Fabiane e/ou que só surge na história com a função de auxiliar a primeira personagem a esquecer a segunda. Apesar disso, observamos que os elementos "Sentimentos da terceira personagem" e "Imagens atribuídas à terceira personagem" (elementos que constam na Tabela 3) não foram retidos como significativos nesse modelo, pois os sentimentos e imagens atribuídas a essa personagem não chegaram a ser relevantes.

Explicaremos os elementos retidos e os significados atribuídos no modelo 1:

Sentimento da primeira personagem: No que diz respeito aos sentimentos da primeira personagem, alguns sujeitos que compõem o modelo 1 consideraram que há sentimentos positivos – como amar, gostar, estar apaixonada(o) e/ou encantada(o) – em relação à segunda personagem do conflito. Contudo, houve também sujeitos que consideraram que a primeira personagem não gosta da segunda.

Comportamento da primeira personagem: O comportamento da primeira personagem deve ser o de "lutar", "correr atrás", "fazer o que o coração manda" e "nunca desistir" do "grande amor": a segunda personagem do conflito.

Imagens atribuídas à primeira personagem: As imagens atribuídas à primeira personagem são de uma pessoa insegura, envergonhada e com medo de lutar por seu grande amor. Há também participantes que consideram que a primeira personagem é orgulhosa e, por isso está resistindo entrar em contato com Fabiane/Pedro e expor seus sentimentos. Esse orgulho é visto como algo negativo pelos sujeitos.

Sentimentos da segunda personagem: No que diz respeito aos sentimentos da segunda personagem, notamos que alguns sujeitos consideraram que há sentimentos positivos, como amar a primeira personagem do conflito e gostar dela. Entretanto, houve também alguns

sujeitos que consideraram que a segunda personagem não gosta da primeira personagem e não a ama.

Comportamento da segunda personagem: Nesse modelo, os sujeitos atribuíram especial significado ao fato de a segunda personagem ter elegido a primeira, mesmo tendo diversas(os) pretendentes.

Imagens atribuídas à segunda personagem: As imagens atribuídas à segunda personagem é a de uma pessoa bonita, desejada, popular, bem como de uma pessoa que respeita a primeira personagem. A segunda personagem aparece também como uma pessoa insegura, envergonhada e com medo de demonstrar que gosta da primeira ou a ama.

Sentimentos entre a primeira e a segunda personagens: Não observamos um consenso sobre esse elemento:

- alguns participantes consideraram que Fabiane/Pedro e Pedro/Fabiane gostam um do outro. **Essa compreensão se fez presente no submodelo 1A**;

- alguns participantes consideraram que somente a primeira personagem (Fabiane/Pedro) gosta da segunda (Pedro/Fabiane), tratando-se, portanto, de uma relação em que há sentimentos **não** correspondidos. Destacamos que uma única participante considerou que somente a segunda personagem gosta da primeira. **Essas compreensões se fizeram presentes no submodelo 1B**;

- alguns participantes consideraram que nenhuma das personagens – Fabiane/Pedro e Pedro/Fabiane – gosta da outra. **Essa compreensão se fez presente no submodelo 1C**;

- alguns participantes não se posicionaram na questão 1 ou 2 e, por essa razão, não deixaram clara a compreensão acerca dos sentimentos de uma das duas personagens. **Essa compreensão se fez presente no submodelo 1D**.

Percepção sobre o tempo: Nesse modelo, os sujeitos consideraram que o fato de Fabiane/Pedro e Pedro/Fabiane estabelecerem uma relação por dois meses já é um elemento significante de que um gosta do outro. No que diz respeito ao relacionamento entre a primeira e a terceira personagens, os sujeitos consideram que sete meses é tempo suficiente para a

primeira personagem saber se gosta da terceira e observaram que, como após esse tempo isso ainda não aconteceu, então Fabiane/Pedro realmente não gosta da terceira personagem.

Percepção sobre o amor: Nesse modelo, os sujeitos consideraram que o amor não se constrói com o tempo. Trata-se de um sentimento único, uma chama que não se apaga e um sentimento pelo qual se deve lutar.

Nesse modelo não foram abstraídos e retidos como significativos os seguintes elementos:

- ***Sentimento da terceira personagem***;
- ***Imagens atribuídas à terceira personagem***.

A tabela abaixo explicita os elementos abstraídos no modelo 1, os significados atribuídos e as implicações entre os elementos e os significados:

Tabela 5: Modelo 1 – elementos abstraídos, significados atribuídos e implicação entre elementos e significados

Elementos abstraídos e retidos como significativos	**Significados atribuídos aos elementos**
Sentimentos da primeira personagem	• ama a segunda personagem; • gosta da segunda personagem; • apaixonada pela segunda personagem; • encantada pela segunda personagem; • não ama a segunda personagem; • não gosta da segunda personagem; • insegura do sentimento da segunda personagem; • envergonhada em demonstrar sentimento pela segunda personagem; • tem medo de demonstrar sentimento pela segunda personagem.
Comportamento da primeira personagem	• deve lutar pela segunda personagem.
Imagens atribuídas à primeira personagem	• é insegura; • é orgulhosa.
Sentimentos da segunda personagem	• ama a primeira personagem; • gosta da primeira personagem; • não ama a primeira personagem; • não gosta da primeira personagem; • insegura do sentimento da primeira personagem; • envergonhada em demonstrar sentimento pela primeira personagem; • tem medo de demonstrar sentimento pela primeira personagem.

Comportamento da segunda personagem	• escolheu ter uma relação com a primeira personagem, mesmo tendo diversos(as) pretendentes; • não consegue esquecer a primeira personagem.
Imagens atribuídas à segunda personagem	• é “popular”; • é desejado(a); • é bonito(a); • é respeitoso(a).
Sentimentos entre a primeira e a segunda personagens	• as duas personagens gostam uma da outra; • somente a primeira personagem gosta da segunda; • somente a segunda personagem gosta da primeira; • nenhuma das duas personagens gosta uma da outra.
Percepção sobre o tempo	• dois meses é tempo suficiente para gostar de alguém; • sete meses é tempo suficiente para gostar de alguém.
Percepção sobre o amor	• o amor não se constrói; • o amor é único; • o amor é uma chama que não se apaga; • o amor é um sentimento pelo qual se deve lutar.
Implicações entre elementos e significados: Investir na relação com a segunda personagem	

Buscando detalhar os submodelos, passamos a descrever as singularidades que os marcam.

Submodelo 1A

O que distingue o submodelo 1A dos demais submodelos do modelo 1 é o fato de os participantes considerarem que há sentimentos positivos correspondidos entre Fabiane/Pedro e Pedro/Fabiane, ou seja, os participantes afirmaram que Fabiane/Pedro ama a segunda personagem, gosta dela ou está encantada por ela, bem como essa segunda personagem segue amando a primeira personagem ou gostando dela.

Como já mencionado anteriormente, a implicação do modelo 1 é lutar, “correr atrás” e investir na relação com a segunda personagem. Assim, os sujeitos do submodelo 1A compartilharam essa postura com todos os demais sujeitos do modelo 1.

Como forma de clarificar essa compreensão dos sujeitos, apresentamos a figura abaixo:

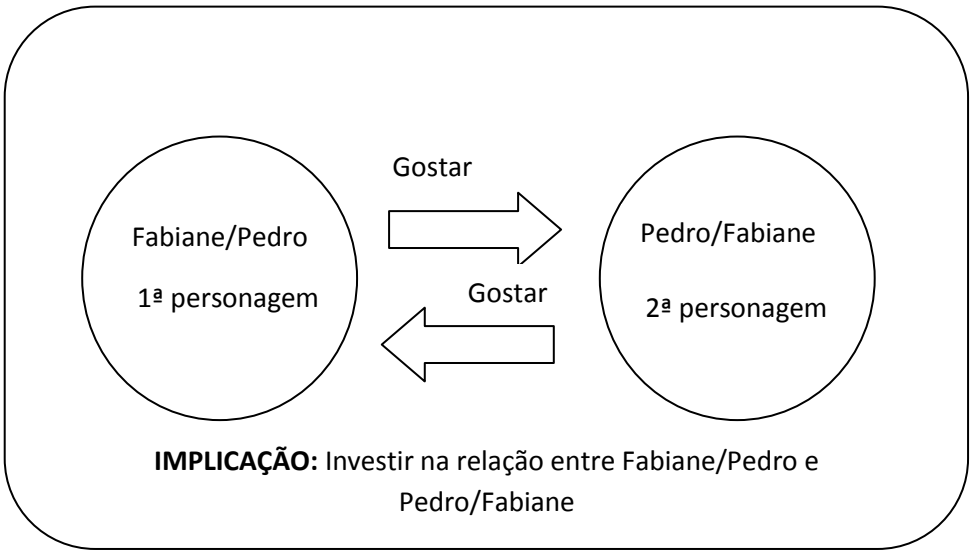

Figura 1: Submodelo 1A

Exemplo:

Sujeito 29 – 15 anos, sexo masculino

Questão 1: *Creio que sim, eu mesmo estou vivendo algo bem semelhante. É difícil uma relação quando o amor acaba, mas as vezes é bom para ver se gosta de verdade, se é para valer ou se é uma aventura. Mas se ele gosta dela, ele deve deixar o orgulho de lado e tentar. Eu estou nisso também há oito meses, mas para não me machucar mais, é melhor não mexer na ferida.*

Questão 2: *Acho que gosta sim, com o tempo um sentiu falta do outro mas o orgulho não deixa nenhum dos dois se render... Ou o medo do outro não estar sentindo a mesma coisa. Mas é melhor tentar, do que ficar com essa angústia... Deixar o coração falar.*

Questão 4: *Falaria para ele tentar, falar tudo, é... nem tudo que está sentindo, e saber dela também. Em uma relação, quando for amor mesmo, a chama nunca se apaga, pode abaixar, mas nunca se apaga, se por acaso apagar, tente de novo, porque onde teve fogo sempre terá uma brasinha para reacendê-lo.*

Submodelo 1B

O que distingue o submodelo 1B dos demais submodelos do modelo 1 é o fato de os participantes considerarem que não há sentimentos positivos correspondidos entre Fabiane/Pedro e Pedro/Fabiane. Os participantes afirmaram que somente a primeira personagem gosta da segunda, ama-a ou está encantada por ela.

Como forma de clarificar essa compreensão dos sujeitos, apresentamos a figura abaixo:

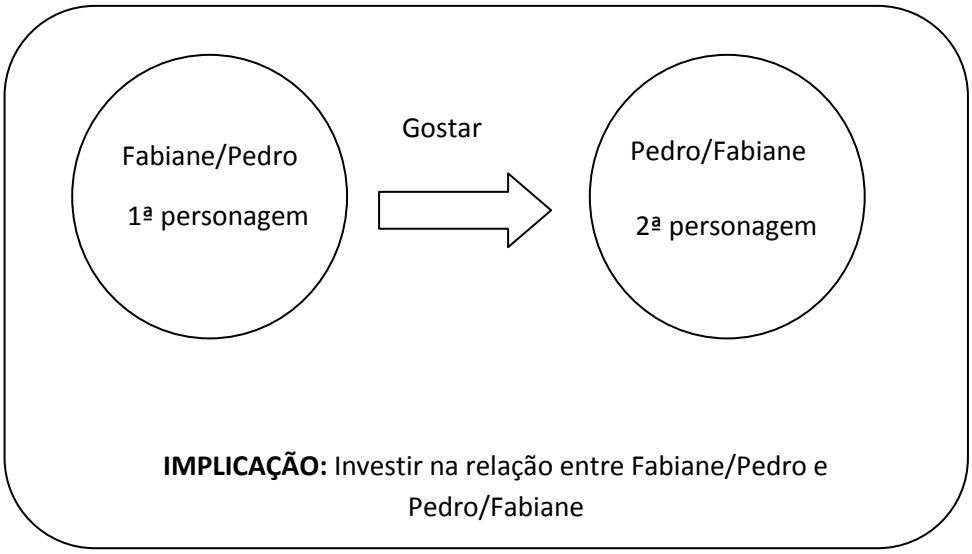

Figura 2: Submodelo 1B

Exemplo:

Sujeito 89 – 17 anos, sexo feminino

Questão 1: Sim, Fabiane gosta do Pedro porque ela está namorando com outro só para tentar esquecê-lo.

Questão 2: Pedro não gosta de Fabiane, pois se ele gostasse dela ele teria feito de tudo para voltar com ela.

Questão 4: Minha avó sempre me disse que nós devemos gostar de quem gosta da gente mas não é bem assim, se você não gosta da pessoa que você está, termina com ela e corre atrás do seu grande amor.

Conforme exemplo anterior, destacamos que um único sujeito considerou que apenas a segunda personagem gosta da primeira, enquanto que todos os demais consideraram o

contrário. Esclarecemos que optamos por não alocá-lo em outro submodelo, visto que, a despeito dessa diferença, esse sujeito segue a mesma lógica que os demais do submodelo 1B: trata-se de uma relação em que há sentimentos não correspondidos. Assim, nos limitaremos a apresentar as respostas desse sujeito:

Sujeito 4 – 15 anos, sexo feminino

Questão 1: No fundo acho que não, pois quando uma pessoa gosta da outra ela luta por esse amor até o fim, mesmo se esse amor não for correspondido.
Questão 2: Eu acho que sim, porque o menino geralmente não fica dois meses com uma menina sem ele gostar dela.
Questão 4: Eu falaria a seguinte frase: "Nem todos que tentaram conseguiram, mas todos que conseguiram foi porque tentaram".

Submodelo 1C

O que distingue o submodelo 1C dos demais submodelos do modelo 1 é o fato de os participantes considerarem que não há sentimentos positivos entre Fabiane/Pedro e Pedro/Fabiane, ou seja, os sujeitos afirmaram que a primeira personagem não gosta da segunda, e que tampouco a segunda personagem gosta da primeira.

Como forma de clarificar essa compreensão dos sujeitos, apresentamos a figura abaixo:

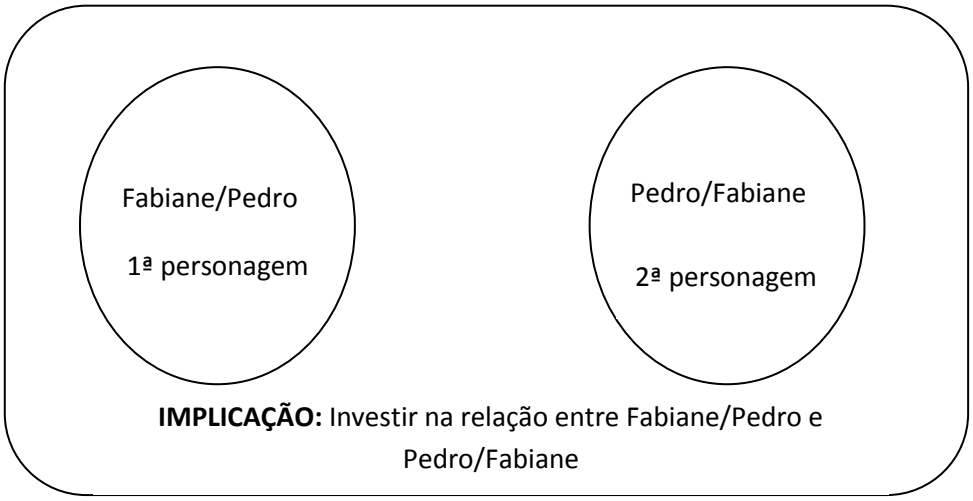

Figura 3: Submodelo 1C

Exemplo:

Sujeito 110 – 17 anos, sexo masculino

Questão 1: *Na minha opinião não pois se ele gostasse mesmo da Fabiane, ele continuaria a ficar com ela, não deixando a relação esfriar.*
Questão 2: *Bom, acho que não pois se ele gostasse não deixaria a relação esfriar, e muito menos aceitaria perder o Pedro para outra menina.*
Questão 4: *Falaria para ele que se Fabiane fosse mesmo o amor da vida dele, que ele corresse atrás, que não desistisse de ter ela ao seu lado.*

Submodelo 1 D

Nesse submodelo, três sujeitos não opinaram claramente sobre os sentimentos entre a primeira e segunda personagens. Tais sujeitos, apesar de responderem às questões 1 e 2, não deixaram evidente sua compreensão acerca dos sentimentos entre Fabiane/Pedro e Pedro/Fabiane.

Exemplo:

Sujeito 21: 15 anos, sexo masculino

Questão 1: Sim, pois Pedro não consegue esquecer Fabiane.
Questão 2: Depende de quem foi se afastando primeiro.
Questão 4: Falaria para ele ir atrás dela, para ver se ela pode voltar com ele.

6.1.2 Modelo 2: “Ficar”, “pegar”

Nesse modelo, os sujeitos aconselharam o não envolvimento em relações muito sérias, tal como o namoro, pois consideram que o melhor é o “ficar” e o “pegar”.

Atentamos para o fato de que, tal como no modelo 1, os participantes do modelo 2 não abstraíram como dado a terceira personagem do conflito.

Esclarecemos, ainda, que nesse modelo também observamos a necessidade de divisão em submodelos: **submodelo 2A e submodelo 2B**. Contudo, antes de elucidar cada um deles, detalharemos os elementos e os significados que marcaram o modelo 2 de um modo geral.

Sentimento da primeira personagem: No que diz respeito aos sentimentos da primeira personagem, os sujeitos que compõem o modelo 2 consideraram que há sentimentos positivos em relação à segunda personagem do conflito. Contudo, alguns sujeitos consideraram que essa personagem não gosta da segunda.

Comportamento da primeira personagem: Nesse modelo, os participantes incentivaram a primeira personagem a fugir de um compromisso mais sério como o namoro e aconselharam o "ficar" e o "pegar". Destacou-se o fato de que alguns sujeitos deram tal conselho, demonstrando uma postura de zombaria, deboche e esquiva frente à questão 4.

Sentimentos da segunda personagem: Os sujeitos consideraram que a segunda personagem não gosta da primeira.

Sentimentos entre a primeira e a segunda personagens: Não observamos um consenso sobre esses elementos:

- alguns participantes consideraram que somente uma das personagens (Fabiane/Pedro) gosta da outra (Pedro/Fabiane). Por essa razão, pudemos depreender que, para esses participantes, há sentimentos positivos **não** correspondidos entre as duas primeiras personagens do conflito e, portanto, trata-se de uma relação unilateral. **Essa compreensão se fez presente no submodelo 2A**;

- alguns participantes consideraram que nenhuma das personagens – Fabiane/Pedro e Pedro/Fabiane – gosta da outra. **Essa compreensão se fez presente no submodelo 2B**.

Nesse modelo, não foram abstraídos e considerados como significativos os seguintes elementos:

- ***Imagens atribuídas à primeira personagem***;
- ***Comportamento da segunda personagem***;
- ***Imagens atribuídas à segunda personagem***;
- ***Sentimento da terceira personagem***;

- ***Imagens atribuídas à terceira personagem***;
- ***Percepção sobre o tempo***;
- ***Percepção sobre o amor***.

A tabela abaixo explicita os elementos abstraídos no modelo 2, os significados atribuídos e as implicações entre os elementos e os significados:

Tabela 6: Modelo 2 – elementos abstraídos, significados atribuídos e implicação entre elementos e significados

Elementos abstraídos e retidos como significativos	**Significados atribuídos aos elementos**
Sentimentos da primeira personagem	• ama a segunda personagem; • gosta da segunda personagem; • não ama a segunda personagem; • não gosta da segunda personagem; • apaixonada pela segunda personagem.
Comportamento da primeira personagem	• não deve se envolver em uma relação séria, tal como o namoro; • deve "ficar", "pegar".
Sentimentos da segunda personagem	• não ama a primeira personagem; • não gosta da primeira personagem.
Sentimentos entre a primeira e a segunda personagens	• somente a primeira personagem gosta da segunda; • nenhuma das duas personagens gosta uma da outra.
Implicações entre elementos e significados: "Ficar", "pegar"	

Submodelo 2A

O que distingue o submodelo 2A é o fato de os participantes considerarem que não há sentimentos positivos correspondidos entre Fabiane/Pedro e Pedro/Fabiane. Os participantes afirmaram que somente a primeira personagem gosta da segunda, ama ou está encantada por ela.

Como já mencionado anteriormente, esses sujeitos, assim como todos os demais do modelo 2, propuseram que a primeira personagem deveria não se envolver em relações muito sérias, tal como se configura no namoro, e a aconselharam a investir em relações como o "ficar" e o "pegar".

Como forma de clarificar essa compreensão dos sujeitos, apresentamos a figura abaixo:

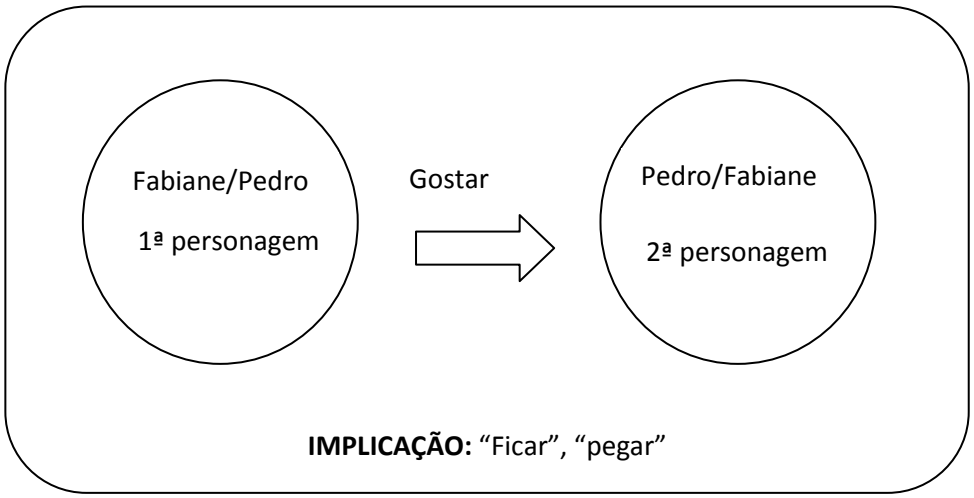

Figura 4: Submodelo 2A

Exemplo:

Sujeito 117 – 17 anos, sexo masculino

Questão 1: *Sim, porque ele ficou com outra garota para esquecer a Fabiane.*
Questão 2: *Não porque como o próprio texto cita, depois da festa a Fabiane só se encontrou com o Pedro mais algumas vezes e depois o relacionamento acabou esfriando.*
Questão 4: *Se a Fabiane é tão bonita como fala no texto, você (Pedro) tem que me apresentar ela (sic). Se você não pegar, deixa por minha conta*.

Submodelo 2B

O que distingue o submodelo 2B é o fato de os participantes considerarem que não há sentimentos positivos entre Fabiane/Pedro e Pedro/Fabiane, ou seja, os sujeitos afirmaram que a primeira personagem não gosta da segunda, e que tampouco a segunda personagem gosta da primeira.

Como forma de clarificar essa compreensão dos sujeitos, apresentamos a figura abaixo:

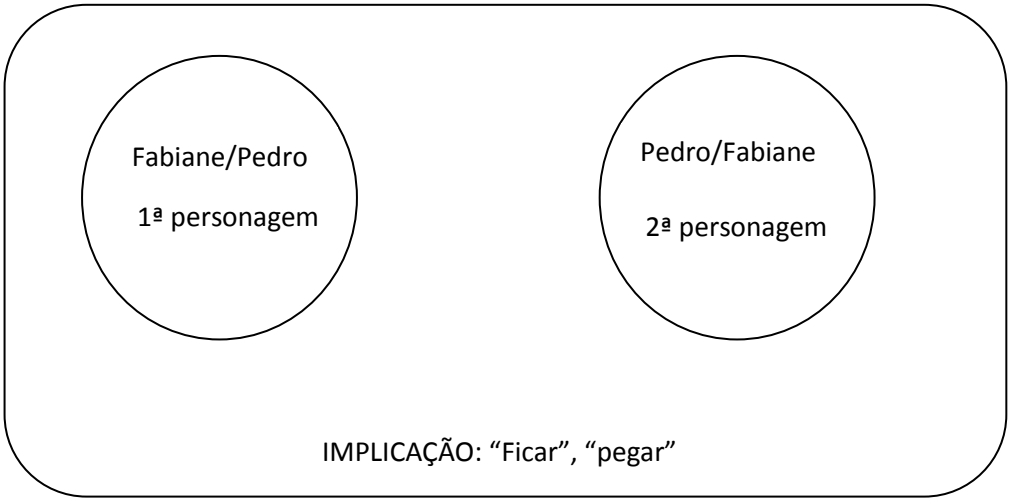

Figura 5: Submodelo 2B

Exemplo:

Sujeito 39 – 15 anos, sexo masculino

Questão 1: *Acho que Pedro pensa que gosta de Fabiane, mas na verdade Pedro gostou de ficar com ela e queria ficar de novo, mas ele não chegou a gostar dela de verdade, só queria ficar para não enferrujar.*

Questão 2: *Acho que Fabiane não gosta do Pedro, porque em uma festa você vai para curtir e beijar na boca, então não importa com quem você fique, o tempo que eles passaram foi só um passa tempo.*

Questão 4: *O conselho que eu daria para ele é não se apaixonar, na adolescência tem que apenas curtir, ficar bastante com várias pessoas, pode até namorar, mas nada muito sério, namorar sério penso que é apenas quando for adulto.*

6.1.3 Modelo 3: Cuidado com a terceira personagem

Nesse modelo, os sujeitos atribuíram um papel significativo à terceira personagem na resolução do conflito apresentado, considerando-a como uma pessoa que merece cuidado para não ser magoada, ferida e/ou iludida, em meio ao conflito afetivo-amoroso entre Fabiane/Pedro e Pedro/Fabiane.

Esse modelo será divido em três submodelos: **submodelo 3A, submodelo 3B e submodelo 3C.**

Explicaremos cada um dos elementos abstraídos e dos significados atribuídos no modelo 3, de um modo geral:

Sentimento da primeira personagem: No que diz respeito aos sentimentos da primeira personagem, alguns sujeitos que compõem o modelo 3 consideraram que há sentimentos positivos – como amar, gostar, estar apaixonada(o) e/ou encantada(o) – em relação à segunda personagem do conflito. Contudo, houve também sujeitos que consideraram que a primeira personagem não ama a segunda, não gosta dela e não está encantada por ela.

Comportamento da primeira personagem: Nesse modelo, os sujeitos consideraram que a primeira personagem deve cuidar para não magoar, ferir e/ou iludir a terceira personagem.

Sentimentos da segunda personagem: No que diz respeito aos sentimentos da segunda personagem, alguns sujeitos consideraram que ela gosta da primeira e outros consideraram que ela não gosta.

Sentimentos entre a primeira e a segunda personagens: Não observamos um consenso sobre esses elementos:

- alguns participantes consideraram que Fabiane/Pedro e Pedro/Fabiane se amam, gostam um do outro, estão encantados etc. **Essa compreensão se fez presente no submodelo 3A**;

- alguns participantes consideraram que somente uma das personagens (Fabiane/Pedro) gosta da outra (Pedro/Fabiane). Por essa razão, pudemos depreender que, para esses participantes, há sentimentos positivos **não** correspondidos entre as duas primeiras personagens do conflito e, portanto, trata-se de uma relação unilateral. **Essa compreensão se fez presente no submodelo 3B**;

- alguns participantes consideraram que nenhuma das personagens – Fabiane/Pedro e Pedro/Fabiane – gosta da outra. **Essa compreensão se fez presente no submodelo 3C**.

Sentimentos da terceira personagem: Nesse modelo, os sujeitos consideram que a terceira personagem está sendo iludida e, por isso, pode se magoar e se ferir na relação com a primeira.

Percepção sobre o amor: Nesse modelo, os sujeitos não questionaram o fato de a primeira personagem considerar a segunda como "*o grande amor da sua vida*" e consideraram que o amor é um sentimento pelo qual se deve lutar, porém não de forma incondicional, pois é preciso cuidar para não se magoar outrem.

Nesse modelo não foram abstraídos e considerados como significativos os seguintes elementos:

- ***Imagens atribuídas à primeira personagem***;
- ***Comportamento da segunda personagem***;
- ***Imagens atribuídas à segunda personagem***;
- ***Imagens atribuídas à terceira personagem***;
- ***Percepção sobre o tempo***.

A tabela abaixo explicita os elementos abstraídos no modelo 3, os significados atribuídos e a implicação entre os elementos e os significados:

Tabela 7: Modelo 3 – elementos abstraídos, significados atribuídos e implicação entre elementos e significados

Elementos abstraídos e retidos como significativos	**Significados atribuídos aos elementos**
Sentimentos da primeira personagem	• ama a segunda personagem; • gosta da segunda personagem; • apaixonada pela segunda personagem; • encantada pela segunda personagem; • não gosta da segunda personagem; • não ama a segunda personagem.
Comportamento da primeira personagem	• deve cuidar para não magoar, ferir e/ou iludir a terceira personagem.
Sentimentos da segunda personagem	• ama a primeira personagem; • gosta da primeira personagem; • não ama a primeira personagem; • não gosta da primeira personagem.
Sentimentos entre a primeira e a segunda personagens	• as duas personagens gostam uma da outra; • somente a primeira personagem gosta da segunda; • nenhuma das duas personagens gosta uma da outra.
Sentimentos da terceira personagem	• magoado(a); • ferido(a);

	• iludido(a).
Percepção sobre o amor	• o amor é um sentimento pelo qual se deve lutar.
Implicações entre elementos e significados: Cuidar para não magoar a terceira personagem	

A seguir, explicaremos cada um dos submodelos.

Submodelo 3A

O que distingue o submodelo 3A dos demais submodelos do modelo 3 é o fato de os participantes considerarem que há sentimentos positivos correspondidos entre Fabiane/Pedro e Pedro/Fabiane, ou seja, os participantes afirmaram que Fabiane/Pedro ama a segunda personagem, gosta dela ou está encantada por ela, bem como que essa segunda personagem segue amando a primeira ou gostando dela.

Como já mencionado anteriormente, esses sujeitos, assim como todos os demais do modelo 3, propuseram que a primeira personagem deveria cuidar para não magoar a terceira personagem.

Como forma de clarificar essa compreensão dos sujeitos, apresentamos a figura abaixo:

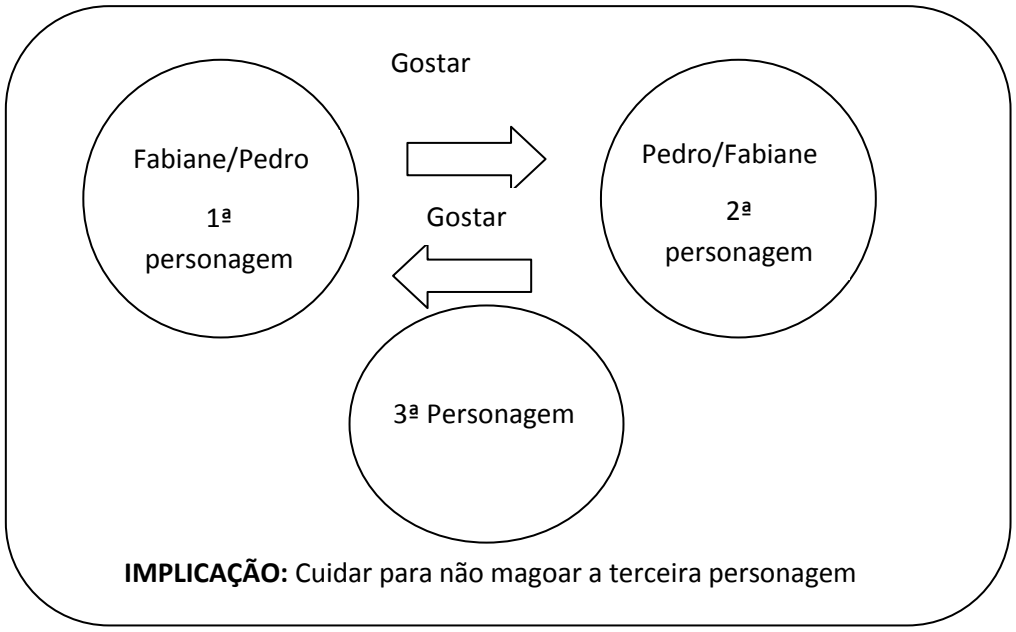

Figura 6: Submodelo 3A

Exemplo:

Sujeito 53 – 16 anos, sexo feminino

Questão 1: *Na minha opinião sim. Porque se ela acredita que o Pedro é o grande amor da sua vida, ela só está com o outro para esquecer ele (sic).*
Questão 2: *Sim, porque pra mim eles só se afastaram porque a relação esfriou, não porque não gostassem mais um do outro.*
Questão 4: *Eu falaria pra (sic) ela não ficar com outra pessoa para tentar esquecer o Pedro, porque não se esquece uma pessoa iludindo outra, falaria também para ela tentar conversar com o Pedro para ver no que dava.*

Submodelo 3B

O que distingue o submodelo 3B dos demais submodelos do modelo 3 é o fato de os participantes considerarem que não há sentimentos positivos correspondidos entre Fabiane/Pedro e Pedro/Fabiane. Os participantes afirmaram que somente a primeira personagem gosta da segunda, ama ou está encantada por ela.

Como forma de clarificar essa compreensão dos sujeitos, apresentamos a figura abaixo:

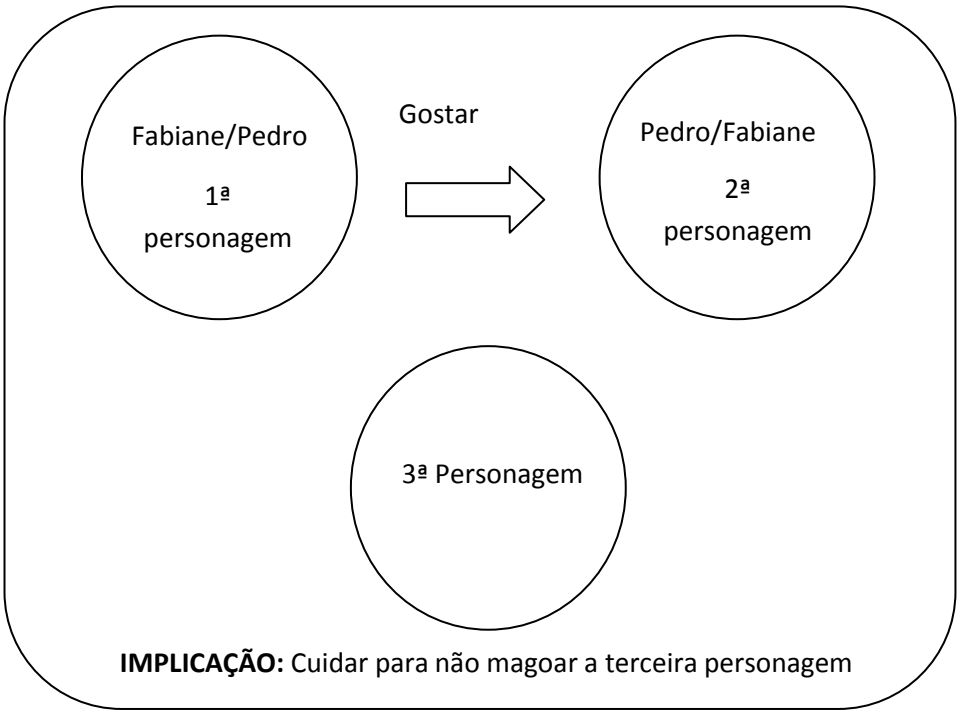

Figura 7: Submodelo 3B

Exemplo:

Sujeito 93 – 17 anos, sexo feminino

Questão 1: *Sim, porque ela ainda tenta esquecer ele (sic) mesmo que seja com outro rapaz. E também o considera o amor de sua vida, o que mostra que há um sentimento por Pedro.*
Questão 2: *Não porque se ele realmente gostasse dela ele não se afastaria dela após 2 meses e também não permitira que ela namorasse outro rapaz.*
Questão 4: *Eu a aconselharia a não tentar esquecer o Pedro com outro rapaz, porque isso é errado. Também seria bom se aproximar mais do Pedro e ter uma boa conversa, assim, contando tudo o que sente por ele.*

Submodelo 3C

O que distingue o submodelo 3C dos demais submodelos do modelo 3 é o fato de os participantes considerarem que não há sentimentos positivos entre Fabiane/Pedro e Pedro/Fabiane, ou seja, os sujeitos afirmaram que a primeira personagem não gosta da segunda, e que tampouco a segunda personagem gosta da primeira.

Como forma de clarificar essa compreensão dos sujeitos, apresentamos a figura a seguir:

Figura 8: Submodelo 3C

Exemplo:

Sujeito 50 – 16 anos, sexo feminino

Questão 1: Eu *acho que ela não gosta porque senão ela não iria tentar esquecer ele com outro.*
Questão 2: *Eu também acho que não, ele quis só brincar com os sentimentos dela.*
Questão 4: *Esquecer ele (sic), mas da forma certa, sem ser com outro, ou se amasse ele de verdade corresse atrás.*

6.1.4 Modelo 4: Esquecimento da segunda personagem

Todos os sujeitos que compõem o modelo 4 consideraram que a primeira personagem do conflito deve esquecer a segunda. Nesse modelo, os sujeitos abstraíram o seguinte dado do conflito: "*o grande amor da vida*" e o fizeram de forma crítica, questionando o amor idealizado.

Destacamos também que, no modelo 4, assim como nos modelos 1 e 2, os sujeitos não abstraíram como dado a terceira personagem.

Explicaremos cada um dos elementos abstraídos e os significados atribuídos nesse modelo:

Sentimento da primeira personagem: No que diz respeito aos sentimentos da primeira personagem, alguns sujeitos que compõem o modelo 4 consideraram que a primeira personagem gosta da segunda e outros, que ela não gosta.

Comportamento da primeira personagem: Nesse modelo, os participantes incentivaram a primeira personagem a esquecer a segunda personagem.

Sentimentos da segunda personagem: No que diz respeito aos sentimentos da segunda personagem, os sujeitos consideraram que essa personagem não gosta da primeira.

Comportamento da segunda personagem: Nesse modelo, os sujeitos consideraram que o comportamento da segunda personagem foi o de usar a primeira para satisfazer seus desejos, afastar-se intencionalmente e esquecê-la.

Imagens atribuídas à segunda personagem: Nesse modelo, a segunda personagem aparece como uma pessoa que "fica" com frequência, um aproveitador e como alguém que não parece ser um(a) bom(boa) rapaz(moça).

Sentimentos entre a primeira e a segunda personagens: Não observamos um consenso sobre esses elementos:

- alguns participantes consideraram que somente uma das personagens (Fabiane/Pedro) gosta da outra (Pedro/Fabiane). Por essa razão, pudemos depreender que, para esses participantes, há sentimentos positivos **não** correspondidos entre as duas primeiras personagens do conflito e, portanto, trata-se de uma relação unilateral. **Essa compreensão se fez presente no submodelo 4A**;

- alguns participantes consideraram que nenhuma das personagens – Fabiane/Pedro e Pedro/Fabiane – gosta da outra. **Essa compreensão se fez presente no submodelo 4B**.

Percepção sobre o tempo e sobre o amor: Nesse modelo, a percepção sobre amor e tempo aparece articulada. O afastamento entre Fabiane/Pedro e Pedro/Fabiane em apenas dois meses é considerado como um fator que demonstra que a primeira personagem não é o grande amor na vida da segunda.

Nesse modelo, não foram abstraídos e retidos como significativos os seguintes elementos:

- ***Imagens atribuídas à primeira personagem***;
- ***Sentimento da terceira personagem***;
- ***Imagens atribuídas à terceira personagem***.

A tabela a seguir explicita os elementos abstraídos no modelo 4, os significados atribuídos e a implicação entre os elementos e os significados:

Tabela 8: Modelo 4 – elementos abstraídos, significados atribuídos e implicação entre elementos e significados

Elementos abstraídos e retidos como significativos	**Significados atribuídos aos elementos**
Sentimentos da primeira personagem	• gosta da segunda personagem; • não gosta da segunda personagem;

	• não ama a segunda personagem.
Comportamento da primeira personagem	• deve esquecer a segunda personagem.
Sentimentos da segunda personagem	• não ama a primeira personagem; • não gosta da primeira personagem;
Comportamento da segunda personagem	• afastou-se da primeira personagem; • usou a primeira personagem.
Imagens atribuídas à segunda personagem	• "fica" com várias pessoas; • não parece um(a) bom(boa) rapaz(moça).
Sentimentos entre a primeira e a segunda personagens	• somente a primeira personagem gosta da segunda; • nenhuma das duas personagens gosta uma da outra.
Percepção sobre o tempo	• o tempo é um elemento fundamental para a consolidação do amor.
Percepção sobre o amor	• o amor requer tempo.
Implicações entre elementos e significados: Esquecer a segunda personagem	

A seguir, explicaremos cada um dos submodelos.

Submodelo 4A

O que distingue o submodelo 4A dos demais submodelos do modelo 4 é o fato de os participantes considerarem que não há sentimentos positivos correspondidos entre Fabiane/Pedro e Pedro/Fabiane. Os participantes afirmaram que somente a primeira personagem gosta da segunda.

Como todos os sujeitos que compõem o modelo 4, os participantes que compõem esse submodelo propuseram à primeira personagem o esquecimento da segunda personagem.

Como forma de clarificar essa compreensão dos sujeitos, apresentamos a figura a seguir:

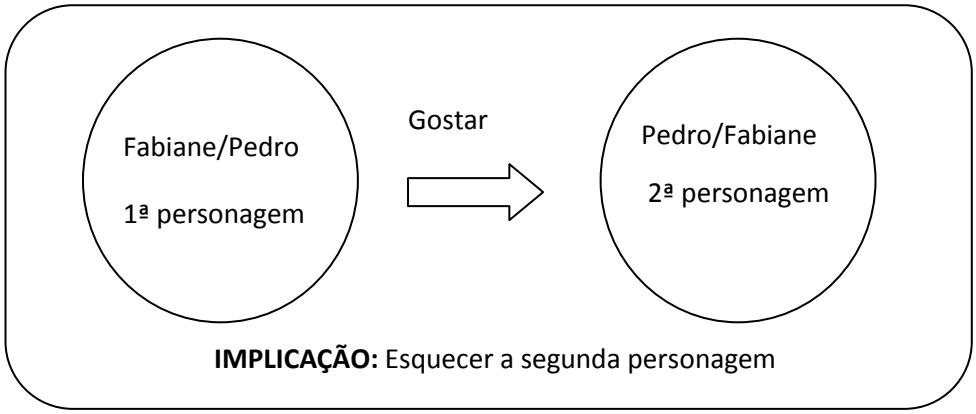

Figura 9: Submodelo 4A

Exemplo:

Sujeito 56 – 16 anos, sexo feminino

Questão 1: *Sim porque ela ainda pensa no Pedro, porém está com outro garoto para tentar esquecer o Pedro.*

Questão 2: *Não porque ele fica com várias meninas do colégio, e ele ficou com ela numa festa, tipo, muito rápido, sem pensar direito.*

Questão 4: *Não se iluda com aquele que só te faz sofrer e procure alguém que te queira de verdade.*

Submodelo 4B

O que distingue o submodelo 4B é o fato de os participantes considerarem que não há sentimentos positivos entre Fabiane/Pedro e Pedro/Fabiane. Ou seja, os sujeitos afirmaram que a primeira personagem não gosta da segunda, e que tampouco a segunda personagem gosta da primeira.

Como forma de clarificar essa compreensão dos sujeitos, apresentamos a figura a seguir:

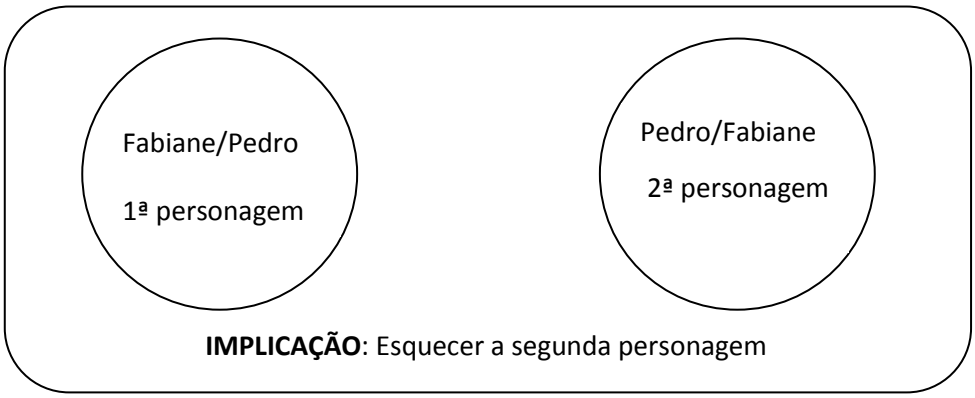

Figura 10: Submodelo 4B

Exemplo:

Sujeito 77 – 16 anos, sexo masculino

Questão 1: *Não, porque se gostasse eles não teriam terminado, eles continuariam juntos durante um bom tempo.*
Questão 2: *Não, porque senão eles não terminariam.*
Questão 4: *Eu falaria pra ele pular fora, porque a mina (sic) não quer ele.*

6.1.5 Modelo 5: Investimento na relação com a terceira personagem

No modelo 5, assim como no modelo 4, os participantes abstraíram o seguinte dado do conflito: "*o grande amor da vida*" e criticaram e questionaram o amor idealizado.

Nesse modelo, para além dos sujeitos aconselharem à primeira personagem o esquecimento da segunda, também aconselharam que essa personagem deveria investir no relacionamento com a terceira. Portanto, nesse modelo, a terceira personagem aparece como uma pessoa que possui potencial para ser amada/querida pela primeira. Desse modo, verificamos que, diferentemente do modelo anterior, os sujeitos do modelo 5 abstraíram como dado a terceira personagem, considerando-a na resolução do conflito apresentado.

Explicaremos cada um dos elementos abstraídos e os significados atribuídos nesse modelo:

Sentimento da primeira personagem: No que diz respeito aos sentimentos da primeira personagem, nesse modelo, os sujeitos consideraram que há sentimentos positivos em relação à segunda personagem do conflito e alguns participantes consideraram que não há sentimentos positivos por parte da primeira personagem em relação à segunda.

Comportamento da primeira personagem: Os participantes incentivaram a primeira personagem a esquecer a segunda, bem como a investir na relação com a terceira.

Imagens atribuídas à primeira personagem: As imagens atribuídas à primeira personagem é a de alguém que gosta de sofrer e que foi iludida pela segunda.

Sentimentos da segunda personagem: No que diz respeito aos sentimentos da segunda personagem, os sujeitos consideraram que essa personagem não gosta da primeira.

Comportamento da segunda personagem: Nesse modelo, assim como no modelo 4, os sujeitos consideraram que o comportamento da segunda personagem foi de usar a primeira para satisfazer seus desejos, afastar-se intencionalmente e esquecê-la.

Imagens atribuídas à segunda personagem: Tal como no modelo anterior, a segunda personagem aparece como uma pessoa que "fica" com frequência, como um cafajeste, garanhão, aproveitador e como alguém que não parece um(a) bom(boa) rapaz(moça).

Sentimentos entre a primeira e a segunda personagens: Nesse modelo, os sujeitos consideraram que somente a primeira personagem (Fabiane/Pedro) gosta da segunda (Pedro/Fabiane). Por essa razão, pudemos depreender que, para esses participantes, há sentimentos positivos **não** correspondidos entre as duas primeiras personagens do conflito e, portanto, trata-se de uma relação unilateral.

Sentimento da terceira personagem: Os sujeitos consideraram que a terceira personagem gosta da primeira personagem.

Imagens atribuídas à terceira personagem: Nesse modelo, a terceira personagem aparece como alguém respeitoso e que merece ser valorizado.

Percepção sobre o tempo e o amor: Nesse modelo, assim como no modelo anterior, a percepção sobre amor e tempo aparece articulada. O afastamento entre Fabiane/Pedro e Pedro/Fabiane em apenas dois meses é considerado como um fator que demonstra que a primeira personagem não é o grande amor na vida da segunda. Além disso, a relação de sete meses com a terceira personagem é vista com um potencial positivo no sentido possibilitar a felicidade da primeira.

A tabela a seguir explicita os elementos abstraídos no modelo 5, os significados atribuídos e a implicação entre os elementos e os significados:

Tabela 9: Modelo 5 – elementos abstraídos, significados atribuídos e implicação entre elementos e significados

Elementos abstraídos e retidos como significativos	**Significados atribuídos aos elementos**
Sentimentos da primeira personagem	• gosta da segunda personagem; • não gosta da segunda personagem; • não ama a segunda personagem.
Comportamento da primeira personagem	• deve esquecer a segunda personagem. • deve investir no relacionamento com a terceira personagem.
Sentimentos da segunda personagem	• não ama a primeira personagem; • não gosta da primeira personagem.
Comportamento da segunda personagem	• afastou-se da primeira personagem; • usou a primeira personagem.
Imagens atribuídas à segunda personagem	• fica com várias pessoas; • é garanhão; • é cafajeste; • não parece um(a) bom(boa) rapaz(moça).
Sentimentos entre a primeira e a segunda personagens	• somente a primeira personagem gosta da segunda.
Sentimentos da terceira personagem	• gosta da primeira personagem.
Imagens atribuídas à terceira personagem	• é a pessoa ideal para a primeira personagem; • é bom(boa) rapaz(moça). • é respeitoso.
Percepção sobre o tempo	• o tempo é um elemento fundamental para a consolidação do amor.
Percepção sobre o amor	• o amor requer tempo.
Implicações entre elementos e significados: Esquecer a segunda personagem e investir na relação com a terceira	

Para clarificar a compreensão dos sujeitos nesse modelo, apresentamos a figura a seguir:

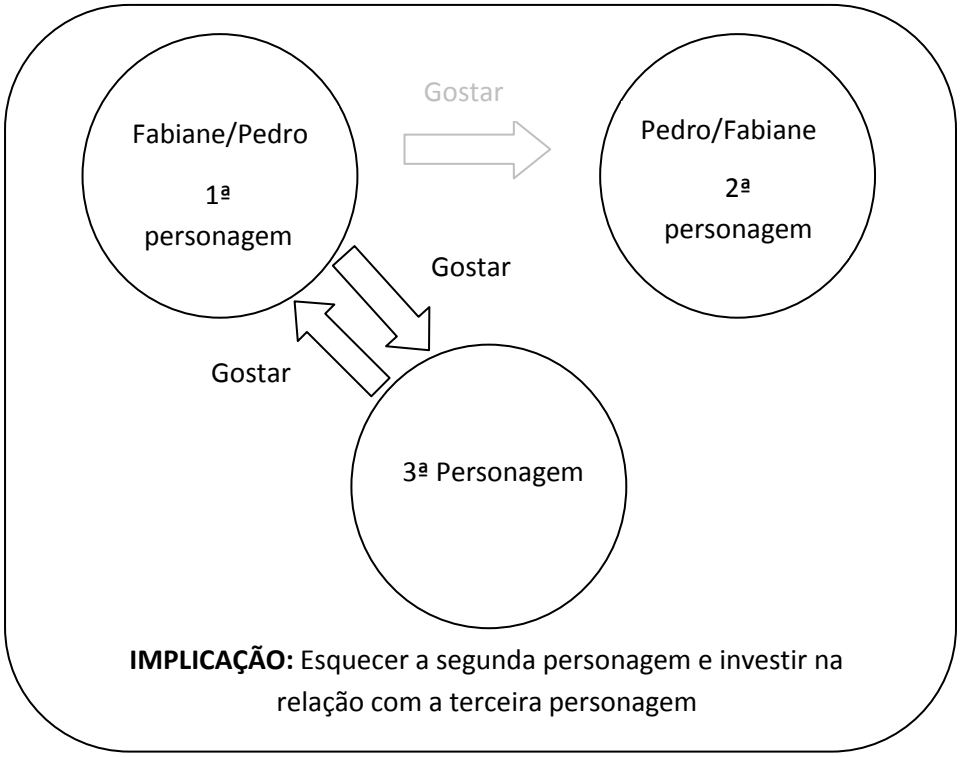

Figura 11: Modelo 5

Exemplo:

Sujeito 17 – 15 anos, sexo feminino

Questão 1: *Acho que sim, porque se não gostasse, no momento que apareceu alguém que gosta e respeita ela (sic), logo ela iria esquecer o Pedro, se não gostasse dele.*

Questão 2: *Acho que não, se ele gostasse iria correr atrás dela, ou no relacionamento de 2 meses iria fazer dar certo.*

Questão 4: *Aproveite a oportunidade que você está tendo de ser feliz ao lado de quem gosta de você de verdade. Se o Pedro gostasse de você, vocês estariam juntos, não afastados. Pensa nisso e faz o que você acha que vai te ajudar, em vez de ficar sofrendo por alguém.*

6.1.6 Modelo 6: Autorreflexão, diálogo e tempo como fatores que auxiliam a resolução do conflito apresentado

Nesse modelo, assim como no modelo 4 e 5, os sujeitos abstraíram o dado "*grande amor da vida*" e o questionaram. Tal questionamento foi realizado, especialmente, a partir da abstração do fator tempo de relação entre as personagens, tendo os sujeitos questionado uma compreensão do "amor à primeira vista" e que se dá sem diálogo, sem o conhecimento do outro e sem a autorreflexão que proporciona o conhecimento de si mesmo(a). Desse modo, os sujeitos que compõem o modelo 6 apontaram para a necessidade do estabelecimento de "conversas" entre as personagens e questionamentos dos sentimentos e atitudes dos envolvidos no conflito, especialmente entre Fabiane/Pedro e Pedro/ Fabiane.

Explicaremos cada um dos elementos abstraídos e dos significados atribuídos nesse modelo:

Sentimento da primeira personagem: Nesse modelo, fez-se notável a diferenciação entre o gostar e o amar. Nesse sentido, os sujeitos questionaram o fato de a primeira personagem considerar a segunda como "o grande amor de sua vida"

Comportamento da primeira personagem: Nesse modelo, a primeira personagem é incentivada a refletir sobre seus sentimentos e a conhecer o(a) companheiro(a) com quem se relaciona, o que, para os sujeitos, envolve especialmente diálogo e tempo.

Sentimentos da segunda personagem: No que diz respeito aos sentimentos da segunda personagem, os sujeitos também fizeram uma distinção entre amar e gostar.

Sentimentos entre a primeira e a segunda personagens: Os sujeitos que compõem o modelo 6 compreendem que a primeira e a segunda personagens até gostam uma da outra, mas não se amam, contrariando, portanto, a compreensão da primeira personagem que crê que a segunda é "o grande amor da sua vida".

Sentimentos da terceira personagem: Apesar de nem todos os sujeitos que compõem esse modelo se referirem diretamente à terceira personagem, todos eles demonstram um

posicionamento por parte da primeira personagem que, por meio da autorreflexão e do diálogo, resolveria o conflito de forma justa para as três personagens envolvidas.

Percepção sobre o tempo: Nesse modelo, o tempo é visto como um fator fundamental para o conhecimento do(a) companheiro(a).

Percepção sobre o amor: Nesse modelo, o amor aparece como um construto que se dá a partir de elementos como o diálogo, o conhecimento do outro e da autorreflexão.

Nesse modelo, não foram abstraídos e retidos como significativos os seguintes elementos:

- ***Imagens atribuídas à primeira personagem***;
- ***Comportamento da segunda personagem***;
- ***Imagens atribuídas à segunda personagem***;
- ***Imagens atribuídas à terceira personagem***.

A tabela abaixo explicita os elementos abstraídos no modelo 6, os significados atribuídos e a implicação entre os elementos e os significados:

Tabela 10: Modelo 6 – elementos abstraídos, significados atribuídos e implicação entre elementos e significados

Elementos abstraídos e retidos como significativos	**Significados atribuídos aos elementos**
Sentimentos da primeira personagem	• gosta da segunda personagem, mas não a ama.
Comportamento da primeira personagem	• deve refletir sobre seus sentimentos e atitudes em relação à segunda e à terceira personagens.
Sentimentos da segunda personagem	• gosta da primeira personagem, mas não a ama.
Sentimentos entre a primeira e a segunda personagens	• as duas personagens gostam uma da outra, mas não se amam.
Percepção sobre o tempo	• dois meses é tempo insuficiente para gostar de alguém; • sete meses é tempo insuficiente para gostar de alguém.
Percepção sobre o amor	• o amor requer tempo; • o amor requer diálogo; • o amor requer autorreflexão.
Implicações entre elementos e significados: Refletir sobre os sentimentos e atitudes em relação à segunda e à terceira personagens.	

Para clarificar a compreensão dos sujeitos nesse modelo, apresentamos a figura abaixo:

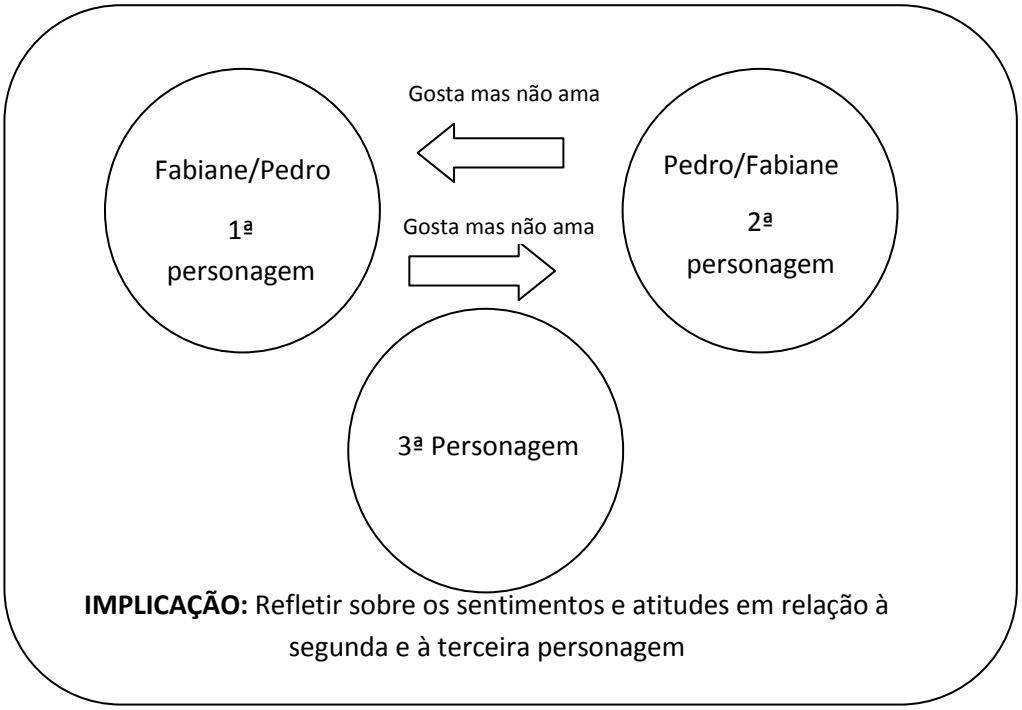

Figura 12: Modelo 6

Exemplo:

Sujeito 81 – 17 anos, sexo feminino

Questão 1: *Talvez, na verdade ela está pensando que ele é o grande amor de sua vida pois desde o primeiro momento que o viu se apaixonou. Esse lance de conhecer outro para esquecer é furada, pois ela vai procurar nele a personalidade do Pedro. Ela pode até gostar do Pedro, mas amar não. O amor é algo muito além de ficar algumas vezes e depois esfriar a relação "[...] o amor é paciente, é benigno, não arde em inveja nem em rancor, é compassivo, alegre [...]", não dá para comparar amor com paixonite. Ela não ama o Pedro, muito menos este menino que está há 7 meses. Mas até ela descobrir que não é amor, vai dar uma boa dor de cabeça nos seus pais.*

Questão 2: *Pode até gostar. Porque gostar não é amar, é ter uma afeição, sentir algo bom em relação a tal pessoa. Gostar não é odiar. Ele não demonstrou raiva por ela, nem a rejeitou, então para ele tanto faz.*

Questão 4: *Em primeiro lugar eu iria dizer pra ela parar de fazer drama, pois seus sentimentos mal floresceram e já está se enchendo de traumas futuros em relação a "AMOR*

NÃO CORRESPONDIDO", e depois ia pedir pra ela se conhecer melhor, dá (sic) um tempo para ela mesma e se continuar a palhaçada de ficar "chorando" por causa de homem eu a mando em um psicólogo antes que possa ficar com os sintomas de carência, onde não haverá ser que suporte devido a baixa autoestima.

6.2 Distribuição dos participantes da pesquisa nos Modelos e Submodelos Organizadores do Pensamento e análise inicial dos resultados

Neste tópico, apresentaremos a distribuição dos participantes da pesquisa nos Modelos e Submodelos Organizadores do Pensamento. Para tanto, faremos o uso de tabelas e figuras que nos auxiliarão a clarificar os resultados obtidos a partir dos dados coletados.

A tabela abaixo apresenta o número de participantes da pesquisa em cada um dos modelos e submodelos.

Tabela 11: Distribuição dos participantes da pesquisa nos modelos e submodelos

MODELO	n (%)	SUBMODELO	n (%)
Modelo 1	*53 (44,2)*		
		submodelo 1A	*23 (19,2)*
		submodelo 1B	*20 (16,7)*
		submodelo 1C	*7 (5,8)*
		submodelo 1D	*3 (2,5)*
Modelo 2	*8 (6,7)*		
		submodelo 2A	*5 (4,2)*
		submodelo 2B	*3 (2,5)*
Modelo 3	*19 (15,8)*		
		submodelo 3A	*6 (5,0)*
		submodelo 3B	*11 (9,2)*
		submodelo 3C	*2 (1,7)*

Modelo 4	*15 (12,5)*		
		submodelo 4A	*12 (10)*
		submodelo 4B	*3 (2,5)*
Modelo 5	*8 (6,7)*	-	*8 (6,7)*
Modelo 6	*17 (14,2)*	-	*17 (14,2)*
TOTAL	*120 (100)*		*120 (100)*

n: frequência absoluta, % porcentagem

A partir da tabela acima, podemos afirmar que:

- o modelo 1 é composto por 44,2% dos participantes da pesquisa, o que representa 53 sujeitos;
- os modelo 2 e 5 é composto por 6,7% dos participantes da pesquisa, o que representa 8 sujeitos;
- o modelo 3 é composto por 15,8% dos participantes da pesquisa, o que representa 19 sujeitos.
- o modelo 4 é composto por 12,5% dos participantes da pesquisa, o que representa 15 sujeitos;
- o modelo 6 é composto por 14,2% dos participantes da pesquisa, o que representa17 sujeitos.

Visando proporcionar uma melhor visualização dos dados, apresentamos a figura a seguir:

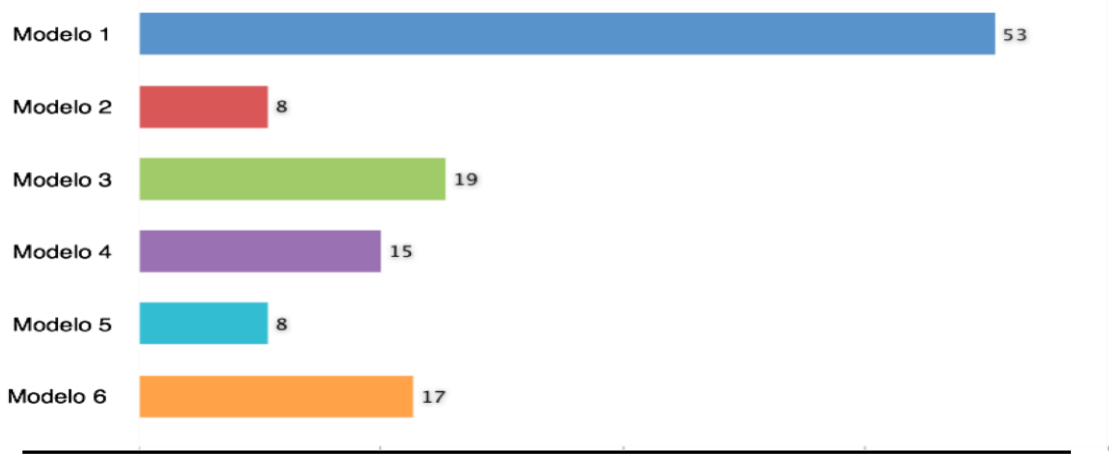

Figura 13: Distribuição da amostra em cada modelo proposto. (n=120)

6.2.1 Análise inicial dos Modelos Organizadores do Pensamento

Apresentamos brevemente algumas reflexões aventadas por esses dados. Destacamos que todas as questões que iremos apontar serão discutidas com maior profundidade no próximo capítulo.

No **modelo 1 –** que abrange 53 sujeitos (o que corresponde a 44,2% dos participantes) – é notável uma compreensão idealizada do amor, visto que os sujeitos aconselharam à primeira personagem que lutasse, corresse atrás e nunca desistisse da segunda personagem, sendo essa considerada "o grande amor" na vida da primeira. Essa compreensão pode ser observada uma vez que não há uma reflexão mais profunda no sentido de se levar em consideração elementos como o tempo para o conhecimento da segunda personagem e o estabelecimento do diálogo entre as personagens.

Assim, os sujeitos que compõem esse modelo partem de uma perspectiva centrada nos próprios interesses, deixando de considerar as vontades, os sentimentos e as ações das demais personagens envolvidas e assumindo a postura de tratar o amor e o afeto como um fenômeno que justifica todas as ações. Com efeito, verifica-se que a terceira personagem do conflito não chega a ser mencionada, pois o que importa é a preocupação da primeira personagem em retomar a relação com a segunda.

O **modelo 2** – que abarca apenas 8 sujeitos (o que corresponde a 6,7% dos participantes) – levar-nos-á a retomar as questões apontadas em nosso quadro teórico sobre o ficar, visto que os participantes que compõe esse modelo aconselharam à primeira personagem que evitasse uma relação mais séria, como o namoro, e investisse em relações que não envolvessem o estabelecimento de compromissos. Vale destacar que, ao assumir essa postura, os sujeitos não chegam a mencionar de modo significativo o afeto e o amor.

Tampouco observamos a mobilização do princípio ético de cuidado. Nesse modelo, a terceira personagem do conflito, tal como no modelo 1, não foi mencionada. Entretanto, o que se destaca é o fato de que não há um cuidado com os sentimentos e as ações de nenhuma das personagens, uma vez que o importante é não criar vínculos afetivo-amorosos, tal como podemos exemplificar abaixo:

SUJEITO 39 – 15 anos, sexo masculino

*Questão 1: acho que Pedro pensa que gosta de Fabiane, mas na verdade Pedro gostou de ficar com ela e queria ficar de novo, mas ele não chegou a gostar dela de verdade**, só queria ficar para não enferrujar.***
*Questão 2: Acho que Fabiane não gosta do Pedro, porque **em uma festa você vai para curtir e beijar na boca, então não importa com quem você fique, o tempo que eles passaram foi só um passatempo.***

O **modelo 3** – que abrange 19 sujeitos (o que corresponde a 15,8% dos participantes da pesquisa) – remete-nos diretamente à discussão acerca do princípio ético de cuidado nas relações afetivo-amorosas, visto que, nesse modelo, os sujeitos afirmaram a necessidade de cuidado para com a terceira personagem, no sentido de não magoá-la e feri-la em meio ao conflito afetivo-amoroso entre Fabiane e Pedro. Para a análise desse modelo, retomaremos as discussões tecidas no capítulo 3, utilizando-nos em especial das reflexões de Carol Gilligan, uma vez que essa autora aborda, com especial atenção, a ética do cuidado.

Destacamos, ainda que, nesse modelo 3, alguns sujeitos chegaram a aconselhar, como no modelo 1, à primeira personagem que lutasse pelo "grande amor da sua vida": a segunda personagem. É o que podemos notar no exemplo abaixo:

SUJEITO 112, 17 anos, sexo masculino

Questão 4: *Primeiro Pedro deveria se separar da atual garota com quem ele está se relacionando, para não magoá-la também. Depois deveria ir atrás de Fabiane, já que acredita que ela é o seu **grande amor.** E, por fim, se ela não o aceitasse de volta, viver sua vida sem envolver outras pessoas nisso.*

Desse modo, embora seja inegável a mobilização do princípio ético de cuidado, vale considerar a possibilidade de a primeira personagem não cuidar de seus próprios sentimentos e ações, nem tampouco dos sentimentos da segunda personagem, dado que, tal como no modelo 1, persiste a ideia de "ir atrás" e "lutar" pelo "grande amor". Contudo, não há menção a elementos como o diálogo, desconsiderando-se, pois, a relevância de se conhecer os sentimentos e os interesses das personagens.

Assim, parece-nos importante atentar que a postura assumida pelos participantes, que compõe o modelo 1 e o modelo 3, pode desembocar na configuração das seguintes relações, carente de reciprocidade e doação mútua:

- ao pretender manter a relação com a segunda personagem, a primeira poderá impor seus interesses, sem considerar os interesses e os sentimentos da segunda personagem. Nesse caso, o principio ético de cuidado estaria ausente para com a segunda personagem do conflito;
- ao pretender manter a relação com a segunda personagem, a primeira poderá aceitar e submeter-se aos interesses da segunda personagem. Nesse caso, a protagonista do conflito não cuidaria dos seus próprios sentimentos.

No **modelo 4** – que abrange 15 sujeitos (o que corresponde a 12,5% dos participantes da pesquisa) – notamos uma crítica ao amor idealizado, uma vez que os sujeitos criticaram o fato de a primeira personagem considerar que a segunda é "o grande amor da sua vida". Entretanto, essa crítica carece de elementos, pois os sujeitos apenas se apoiam na ideia de que o amor requer tempo.

Destacamos ainda que verificamos que os sujeitos que compõem esse modelo não mobilizaram o princípio ético de cuidado, não fazendo, portanto, referência à terceira personagem. Assim, a resolução do conflito leva em conta apenas a relação entre a primeira e a segunda personagens.

No **modelo 5** – que abrange 8 sujeitos (o que corresponde a 6,7% dos participantes da pesquisa) – também observamos uma crítica ao amor idealizado, mas, como ocorreu no modelo 4, essa crítica sustenta-se apenas na falta de tempo de relacionamento entre a primeira e a segunda personagens para o estabelecimento de um relacionamento mais sólido.

Nesse modelo, diferentemente do modelo anterior, os sujeitos se referiram à terceira personagem, considerando-a como um(a) potencial parceiro(a) para a primeira. Vale destacar que, apesar de essa terceira personagem ser mencionada, não é possível afirmar que houve mobilização do princípio ético de cuidado. Preferimos deixar em aberto essa questão, pois nos parece relevante levar em conta que os sujeitos podem ter se preocupado em obter benefício da relação com a terceira personagem. Nessa direção, apontamos duas possibilidades:

1) A primeira personagem busca estabelecer uma relação com a terceira, pautando-se apenas nos aspectos racionais e permeada pela ideia utilitarista do "vou gostar de quem gosta de mim", mas carente de sentimentos e emoções.

Parece haver, portanto, uma oposição entre o modelo 1 e o modelo 5. Enquanto no modelo 1 prevaleceu uma compreensão notavelmente marcada pelos sentimentos e pelas emoções, com pouco espaço para o exercício da racionalidade, no modelo 5 há a possibilidade

de haver o contrário: os sujeitos podem assumir uma postura racional diante do conflito em detrimento dos sentimentos e das emoções.

Consideramos importante alertar que, ao chamarmos a atenção para esse primeiro ponto, não estamos afirmando que não possa haver um esforço para que um sujeito se eduque para cultivar o afeto e o amor em relação a outrem, isto é, não estamos compartilhando da mesma postura de alguns sujeitos do modelo 1, os quais afirmaram que "o amor não se constrói".

Nessa direção, parecem-nos relevantes as reflexões de Jesus Gomez (2004), apresentadas no capítulo 3. O autor critica a ideia de que o amor é um fenômeno puramente biológico. Para Gomez, o amor é social e, como tal, pode ser submetido a um processo educativo. Nesse sentido, considera a necessidade de a escola promover a indagação de quem são as pessoas que nos atraem e porque nos atraem, bem como quais os modelos atrativos impostos pela sociedade.

Porém, apresentamos uma ressalva diante das considerações de Gomez: é preciso evitar que as indagações por ele propostas já tenham respostas prontas e se transformem em imposições, limitando as relações afetivo-amorosas a um fenômeno racional. Com efeito, essa ressalva converge com o alerta que estamos destacando nesse primeiro ponto.

2) A segunda possibilidade refere-se ao uso de outrem apenas como forma de se evitar a ausência de um(a) companheiro(a) afetivo-amoroso. Assim, a primeira personagem poderia esforçar-se para manter a relação com a terceira, buscando apenas evitar ficar sem um(a) parceiro(a).

No **modelo 6** – que inclui 17 sujeitos (o que corresponde a 14,2% dos participantes) –, como nos modelos 4 e 5, observamos uma crítica ao amor idealizado. Entretanto, nesse modelo, verifica-se uma compreensão mais ampla acerca do afeto e do amor, visto que os sujeitos consideraram que o amor requer tempo, diálogo, autoconhecimento e conhecimento do(a) parceiro(a).

Destacamos também que, nesse modelo, assim como no modelo 3, observarmos a mobilização do princípio ético de cuidado. Porém, no modelo 6, esse princípio não foi mobilizado apenas com o intuito de que a terceira personagem não seja magoada, senão que os sujeitos levaram em conta as três personagens para a resolução do conflito e preocuparam-se com os sentimentos e as consequências de diferentes ações tomadas para cada uma delas, tendo considerado, para tanto, a relevância do diálogo nesse sentido.

Entendemos, pois, que esse modelo nos permite uma aproximação com a concepção de amor confluente, proposta por Giddens (1992), uma vez que tal autor aponta para a relevância do diálogo como base para as relações afetivo-amorosas na sociedade contemporânea.

Esse modelo também nos permite retomar o conceito de *philia*, pois se refere à necessidade de reciprocidade entre os envolvidos. Logo, não se trata de uma relação em que há anulação de um dos sujeitos, mas que traz de modo mais amplo a relação do eu com outrem, ressaltando um amor que busca a reciprocidade, a igualdade e a alteridade.

Há, portanto, um distanciamento com relação aos modelos anteriores, dado que nesses modelos os sentimentos e as ações de pelo menos uma das personagens têm pouca ou nenhuma relevância para a resolução do conflito.

6.3 Distribuição dos participantes da pesquisa nos Modelos e Submodelos em relação ao sexo dos participantes

A tabela abaixo apresenta a distribuição dos participantes da pesquisa nos modelos e submodelos, tendo em vista a variável sexo.

Tabela 12: Distribuição dos participantes da pesquisa nos modelos e submodelos em relação ao sexo dos participantes

MODELO	n (%)	n (%)	SUBMODELO	n (%)	n (%)
	Masculino	Feminino		Masculino	Feminino
Modelo 1	*33 (27,5)*	*20 (16,7)*			
			Submodelo 1A	*18 (15,0)*	*5 (4,2)*
			Submodelo 1B	*7 (5,8)*	*13 (10,8)*
			Submodelo 1C	*5 (4,2)*	*2 (1,7)*
			Submodelo 1D	*3 (2,5)*	*0 (0,0)*
Modelo 2	*7 (5,8)*	*1 (0,8)*			
			Submodelo 2A	*4 (3,3)*	*1 (0,8)*

			Submodelo 2B	*3 (2,5)*	*0 (0,0)*
Modelo 3	*3 (2,5)*	*16 (13,3)*			
			Submodelo 3A	*2 (1,7)*	*4 (3,3)*
			Submodelo 3B	*1 (0,8)*	*10 (8,3)*
			Submodelo 3C	*0 (0,0)*	*2 (1,7)*
Modelo 4	*12 (10)*	*3 (2,5)*			
			Submodelo 4A	*8 (6,7)*	*4 (3,3)*
			Submodelo 4B	*2 (1,7)*	*1 (0,8)*
Modelo 5	*2 (1,7)*	*6 (5,0)*	-	*2 (1,7)*	*6 (5,0)*
Modelo 6	*5 (4,2)*	*12 (10,0)*	-	*5 (4,2)*	*12 (10,0)*
TOTAL	*60 (50)*	*60 (50)*	TOTAL	*60 (50)*	*60 (50)*

n: frequência absoluta; %: porcentagem

A partir dos resultados apresentados na tabela acima, podemos afirmar que:

- o modelo 1 é composto por 33 sujeitos do sexo masculino – o que representa o percentual de 27,5% – e 20 sujeitos dos sexo feminino – o que representa o percentual de 16,7%;
- o modelo 2 é composto por 7 participantes do sexo masculino, o que representa o percentual de 5,8% e apenas 1 participante do sexo feminino, o que representa o percentual de 0,8%;
- o modelo 3 é composto apenas por 3 participantes do sexo masculino – o que representa o percentual de 2,5% – e 16 participantes do sexo feminino – o que representa o percentual de 13,3%;
- o modelo 4 apresenta o dobro de participantes do sexo masculino em relação ao sexo feminino. Compõem esse modelo 10 participantes do sexo masculino – o que representa o percentual de 8,3% – e 5 participantes do sexo feminino – o que representa o percentual de 4,2%;
- modelo 5 é composto por apenas dois participantes do sexo feminino – o que representa o percentual de 1,7% – e por 6 sujeitos do sexo feminino – o que representa o percentual de 5%;
- o modelo 6 apresenta 5 participantes do sexo masculino – o que representa o percentual de 4,2% – e 12 participantes do sexo feminino – o que representa o percentual de 10%.

Visando proporcionar a melhor visualização dos resultados, apresentamos a figura abaixo:

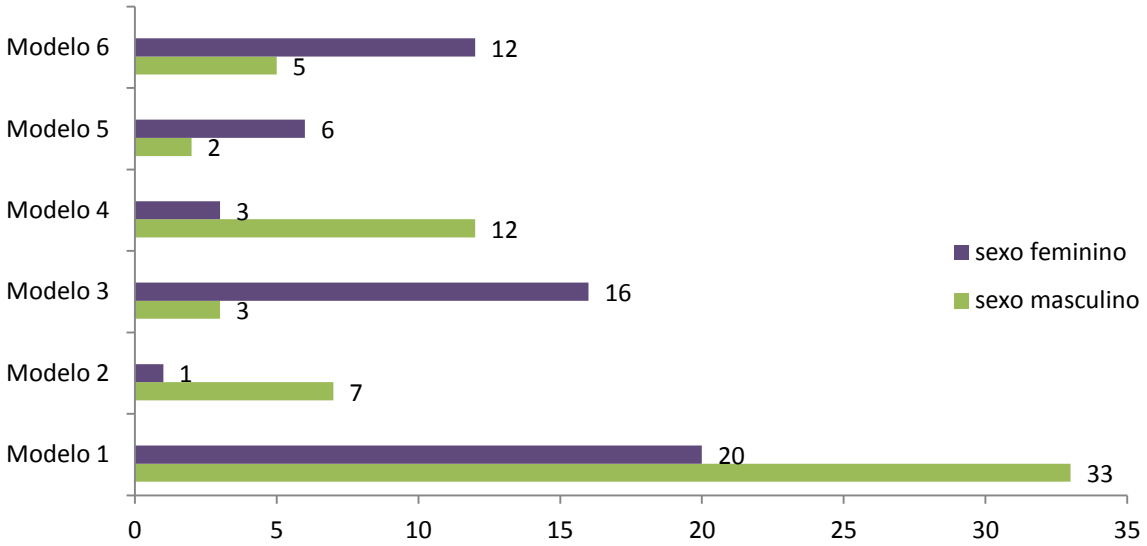

Figura 14: Distribuição dos participantes da pesquisa nos Modelos Organizadores do Pensamento de acordo com a variável sexo. (n=120)

6.3.1 Análise inicial dos Modelos Organizadores do Pensamento a partir da variável sexo

A partir de tais dados podemos destacar que:

No **modelo 1,** surpreendeu-nos a diferença entre as participantes do sexo masculino e do sexo feminino. Tal como já explicitamos, esse modelo apresenta características do amor romântico. Por essa razão, esperávamos que ele fosse composto majoritariamente por participantes do sexo feminino, visto que encontramos em nosso quadro teórico as preocupações com os prejuízos dessa concepção de amor para o universo feminino, conforme pudemos observar com Giddens (1992). Retomamos aqui a compreensão desse autor sobre a questão: segundo Giddens, "[...] o amor romântico foi um enredo engendrado pelos homens, contra as mulheres, para encher suas cabeças com sonhos fúteis e impossíveis" (1992, p.52).

Com efeito, o fato de o número de participantes do sexo masculino ser superior ao número de participantes do sexo feminino nos revela uma divergência com a compreensão de teóricos que se referem ao amor romântico. Por essa razão, entendemos a relevância de investigar esse dado com maior profundidade no capítulo subsequente.

No **modelo 2,** a quase exclusividade de participantes do sexo masculino nos faz retomar a discussão acerca do ficar. Conforme apontou nosso quadro teórico, a prática do ficar tem maior aceitabilidade entre os jovens do sexo masculino. Podemos aqui relembrar as considerações de Márcia Stengel (2003) no que se refere às competições entre os garotos para verificar quem fica com mais garotas. Por outro lado, a prática do ficar com frequência entre as jovens do sexo feminino é recriminada, conforme aponta Justo (2005).

Portanto, essa superioridade de participantes do sexo masculino nesse modelo se coloca em consonância com as questões aventadas no quadro teórico.

No **modelo 3,** as participantes do sexo feminino são a maioria. Nele, conforme explicamos anteriormente, observa-se o cuidado com a terceira personagem. Nesse sentido, entendemos que as contribuições de Gilligan (1982) são bastante elucidativas, uma vez que nos permite refletir sobre a "*ética do cuidado*" que, na concepção da autora, está presente, sobretudo, no desenvolvimento moral feminino.

No **modelo 4,** os participantes do sexo masculino constituem o dobro das participantes do sexo feminino. Lembremo-nos de que, nesse modelo, há uma crítica ao amor romântico e que não há mobilização do princípio ético de cuidado.

No **modelo 5,** as participantes do sexo feminino, em maior número que os participantes do sexo masculino, consideraram a terceira personagem do conflito como um potencial parceiro para a primeira personagem, capaz de fazê-la feliz.

O **modelo 6** também é composto de um número superior de participantes do sexo feminino. Esse modelo nos surpreendeu, visto que, a despeito das preocupações apontadas pelos teóricos sobre os prejuízos de uma concepção idealizada de amor para o universo feminino, encontramos justamente o contrário: uma visão mais ampla e complexa sobre as relações afetivo-amorosas sendo assumida majoritariamente pelos participantes do sexo feminino, os quais levaram em consideração elementos como o diálogo, o autoconhecimento, o conhecimento do parceiro e o tempo para o estabelecimento de uma relação.

Apesar dessa diferença no resultado referente ao modelo 6, parece-nos arriscado afirmar que os sujeitos do sexo masculino estão menos dispostos a assumir o diálogo na relação com a parceira, pois os números que possuímos não são significativos para traçarmos

uma afirmação nesse sentido. Consideramos apenas a relevância de atentar para a diferença com a qual nos deparamos.

6.4 Apresentação da compreensão dos participantes da pesquisa sobre os sentimentos entre a primeira e a segunda personagens do conflito

Com vista a responder o seguinte objetivo da pesquisa – **identificar e analisar os sentimentos atribuídos à relação entre as personagens do conflito** –, centramo-nos na questão 1 e 2, as quais fomos captando por meio dos submodelos.

Com efeito, a subdivisão dos modelos não foi realizada por mera casualidade, já que, como explicamos anteriormente, nosso objetivo foi tornar visível as regularidades na forma como os sujeitos organizaram o pensamento, mas também as não regularidades, inclusive dentro de um mesmo modelo.

Atentamos para o fato de que, ao nos centrarmos nas questões 1 e 2, teremos elementos para analisar apenas os sentimentos entre a primeira e a segunda personagens, dado que as questões eram:

1. Você acha que Fabiane/Pedro gosta de Pedro/Fabiane? Por quê? Explique detalhadamente sua resposta.

2. Você acha que Pedro/Fabiane gosta de Fabiane/Pedro? Por quê? Explique detalhadamente sua resposta.

Assim, neste capítulo, limitaremo-nos a tratar da relação entre Fabiane e Pedro, contudo, no capítulo seguinte, analisaremos os sentimentos das três personagens do conflito.

No que diz respeito aos sentimentos identificados entre essas duas primeiras personagens, conforme fomos apresentando ao longo deste capítulo ao elaborarmos os submodelos, identificamos as seguintes compreensões dos sujeitos da pesquisa:

Tabela 13: Sentimentos entre as duas primeiras personagens do conflito

MODELO	SENTIMENTOS ENTRE FABIANE/PEDRO E PEDRO/FABIANE
1	- as duas primeiras personagens gostam uma da outra; - somente a primeira personagem gosta da segunda; - nenhuma das duas personagens gosta uma da outra; - não opinaram claramente sobre os sentimentos entre as duas primeiras personagens do conflito.

2	- somente a primeira personagem gosta da segunda; - nenhuma das duas personagens gosta uma da outra.
3	- as duas primeiras personagens gostam uma da outra; - somente a primeira personagem gosta da segunda; - nenhuma das duas personagens gosta uma da outra.
4	- somente a primeira personagem gosta da segunda; - nenhuma das duas personagens gosta uma da outra.
5	- somente a primeira personagem gosta da segunda.
6	- diferenciação entre gostar e amar.

Portanto, identificamos cinco diferentes posicionamentos acerca dos sentimentos entre as duas primeiras personagens do conflito:

- as duas primeiras personagens gostam uma da outra;
- somente a primeira personagem gosta da segunda;
- nenhuma das duas personagens gosta uma da outra;
- diferenciação entre amar e gostar;
- não opinaram claramente sobre os sentimentos entre as duas primeiras personagens do conflito.

Destacamos que essa quinta forma de posicionamento – assumida pelos sujeitos do submodelo 1D – não será considerada na análise, uma vez que não é relevante para a compreensão dos sentimentos entre as duas primeiras personagens do conflito, contudo a apresentaremos nas tabelas abaixo, como forma de explicitar sua presença.

Para clarificar esses posicionamentos, proporcionamos, pois, um exemplo de cada um deles:

Tabela 14: Significados atribuídos aos sentimentos entre Fabiane/Pedro e Pedro/Fabiane

Sentimentos	**Exemplo**
As duas primeiras personagens gostam uma da outra	*Questão 1: Sim, porque ele sente que gosta dela mesmo afastados ele não consegue esquecer ela da sua mente. Pedro você tem que correr atrás do seu verdadeiro "amor", pois o amor não se constrói, você pode se acostumar com a pessoa, mas o amor não é construído.* *Questão 2: Sim, porque ele amou muito e ela também amou muito, mesmo ela tendo outro relacionamento ela nunca vai esquecer ele (15 anos, sexo masculino).*
Somente a primeira personagem gosta da	*Questão 1: Sim porque ela ainda pensa no Pedro, porém está com outro garoto para tentar esquecer o Pedro.*

segunda	*Questão 2: Não porque ele fica com várias meninas do colégio, e ele ficou com ela numa festa, tipo, muito rápido, sem pensar direito (16 anos, sexo feminino).*
Nenhuma das personagens gosta uma da outra	*Questão 1: Não, coisa de adolescente… ninguém gosta de ninguém. Ele não parecia ser um cara bacana, o que ela está atualmente é o garoto ideal. Ela deveria dar valor. Foi uma vítima, doce ilusão.* *Questão 2: Não, ele nem liga pra ela.. Ficou porque é um garanhão, foi conveniente para ele (15 anos, sexo feminino).*
Diferenciação entre amar e gostar	*Questão 1: Acredito que ela até goste do Pedro, porém acredito que não o ame como realmente acha, pois se ela o amasse verdadeiramente não conseguiria estar com outra pessoa, mesmo tentando apenas esquecer o Pedro.* *Questão 2: Acredito que Pedro pode gostar de Fabiane, mas não amar, pois em minha opinião gostar e amar são sentimentos diferentes. Quando você desenvolve o amor, pode até ter insegurança ou coisa parecida, mas isso não causaria o fim da relação (17 anos, sexo feminino).*
Não opinaram claramente sobre os sentimentos entre as duas primeiras personagens	*Questão 1: Em minha opinião eu acho que gosta sim , pois Pedro está tentando esquecê-la.* *Questão 2: Pode ser que ela goste, mas como a relação está fria isto é uma incógnita (16 anos, sexo masculino).*

Também apresentamos na tabela abaixo a distribuição dos participantes da pesquisa nesses cinco diferentes posicionamentos acerca dos sentimentos entre Pedro e Fabiane:

Tabela 15: Distribuição dos participantes de acordo com a compreensão sobre os sentimentos entre a primeira e a segunda personagens do conflito:

Sentimentos	**Modelo/Submodelo**	**Total**	
		n	**%**
As duas primeiras personagens gostam uma da outra	23 (submodelo 1A) 6 (submodelo 3A)	29	24,2%
Somente a primeira personagem gosta da segunda	20 (submodelo 1B) 5 (submodelo 2A) 11 (submodelo 3B) 12 (submodelo 4A) 8 (modelo 5)	56	46,7%
Nenhuma das personagens gosta uma da outra	7 (submodelo 1C) 3 (submodelo 2B) 2 (submodelo 3C) 3 (submodelo 4B)	15	12,5%
Diferenciação entre amar e gostar	modelo 6	17	14,2%
Não opinaram claramente sobre os sentimentos entre a primeira e segunda personagens	submodelo 1D	3	2,5%
Total		**120**	**100%**

A partir desses dados, podemos afirmar que:

- 29 sujeitos (o que corresponde a 24,2% dos participantes) consideraram que as duas primeiras personagens gostam uma da outra;
- 56 sujeitos (o que corresponde a 46,7% dos participantes) consideraram que somente a primeira personagem gosta da segunda;
- 15 sujeitos (o que corresponde a 12,5% dos participantes) consideraram que nenhuma das duas personagens gosta uma da outra;
- 17 sujeitos (o que corresponde a 14,2% dos participantes) consideram que é necessário diferenciar o gostar de amar;
- 3 sujeitos (o que corresponde a 2,5% dos participantes) não demonstraram claramente qual a compreensão acerca dos sentimentos entre as duas primeiras personagens.

Para proporcionar a melhor visualização dos resultados apresentamos a figura a seguir:

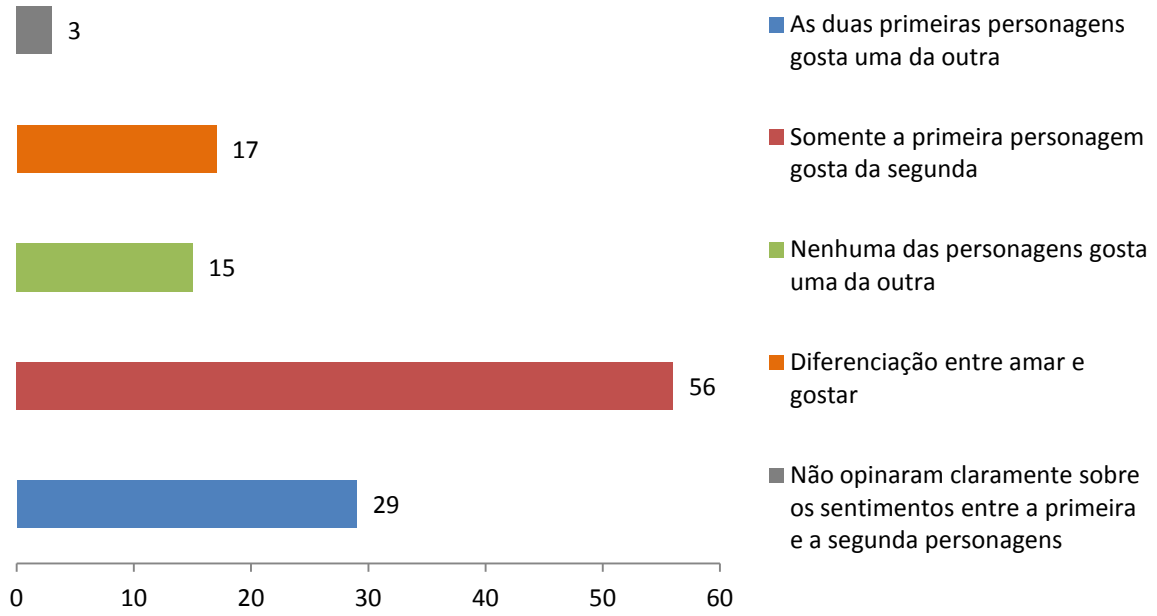

Figura 15: Distribuição dos participantes de acordo com a compreensão acerca dos sentimentos entre a primeira e a segunda personagens

6.4 Análise inicial sobre os sentimentos entre a primeira e a segunda personagens do conflito

A partir dos resultados, destaca-se a seguinte questão:

- 56 sujeitos (o que corresponde a 46,7% dos participantes) reconhecem que somente a primeira personagem gosta da segunda. Esse número nos parece bastante significativo, pois apesar de tal reconhecimento, 53 sujeitos (o que corresponde a 44, 2% dos participantes) aconselharam o investimento na relação entre Fabiane/Pedro e Pedro/Fabiane, conforme pudemos verificar no modelo 1.

Assim, chama-nos a atenção o fato de que esse reconhecimento – o de que não há sentimentos correspondidos entre as duas primeiras personagens – se destaque. Isso porque também prevaleceu o aconselhamento do investimento na relação entre elas.

Por essa razão, no capítulo seguinte, voltaremos a discutir a ideia do amor como falta, sofrimento e frustração, questão já abordada em nosso quadro teórico, no capítulo 2, no qual nos dedicamos a tratar das compreensões sobre o amor, principalmente para a Filosofia Clássica e para a Psicanálise.

Por fim, apresentamos, na tabela abaixo, a distribuição dos participantes da pesquisa, de acordo com a variável sexo, nesses cinco diferentes posicionamentos sobre os sentimentos entre as duas primeiras personagens do conflito:

Tabela 16: Distribuição dos participantes segundo a variável sexo, sobre a compreensão dos sentimentos entre a primeira e a segunda personagens do conflito

Sentimentos	**Modelo/Submodelo**				
		Sexo feminino		**Sexo masculino**	
		n	**%**	**n**	**%**
As duas primeiras personagens gostam uma da outra	23 (submodelo 1A)	5	4,2	18	15
	6 (submodelo 3A)	4	3,3	2	1,7
	Total	9	7,5	20	16,7
Somente a primeira personagem gosta da segunda	20 (submodelo 1B)	13	10,8	7	5,8
	5 (submodelo 2A)	1	0,8	4	3,3
	11 (submodelo 3B)	10	8,3	1	0,8
	12 (submodelo 4A)	4	3,3	8	6,7
	8 (modelo 5)	6	5	2	1,7
	Total	34	28,3	22	18,3

Nenhuma das personagens gosta uma da outra	7 (submodelo 1C) 3 (submodelo 2B) 2 (submodelo 3C) 3 (submodelo 4B)	2 0 2 1	1,7 0 1,7 0,8	5 3 0 2	4,2 2,5 0 1,7
	Total	5	4,2	10	8,3
Diferenciação entre amar e gostar	Modelo 6	12	10	5	4,2
Não opinaram claramente sobre os sentimentos entre a primeira e segunda personagem	Submodelo 1D	0	0	3	2,5
Total		60	50	60	50

Para proporcionar uma melhor visualização dos resultados, apresentamos a figura abaixo:

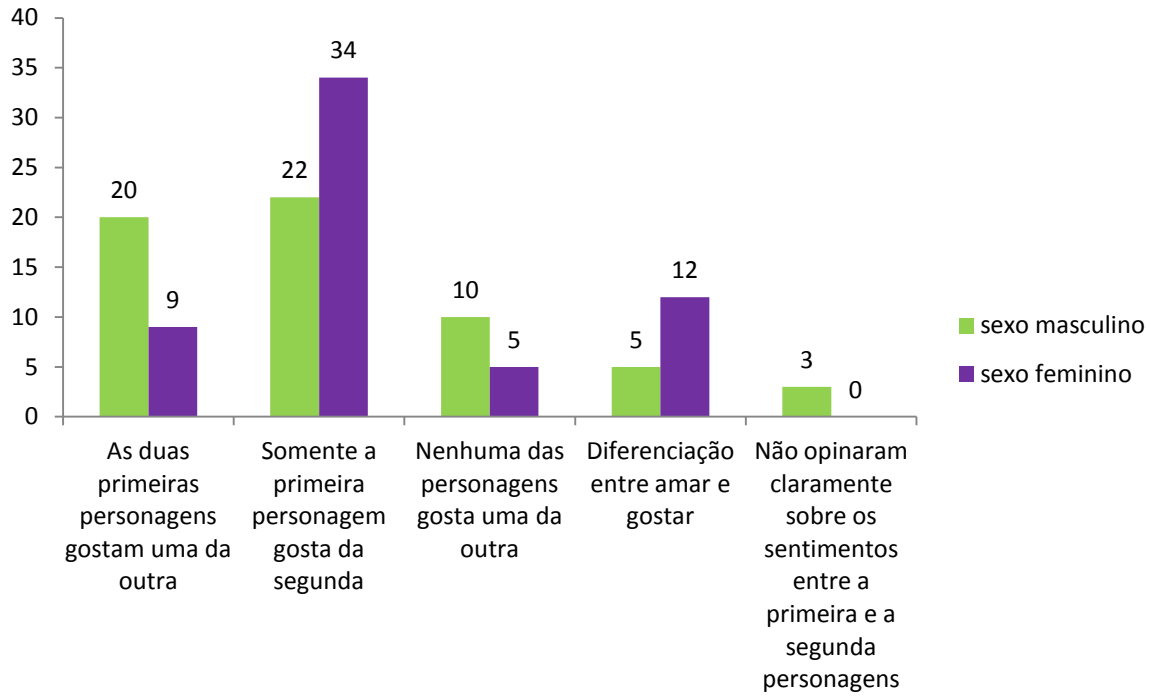

Figura 16: Distribuição dos participantes sobre a compreensão acerca dos sentimentos entre a primeira e a segunda personagens, segundo a variável sexo

A partir desses dados notamos que:

- Apenas 9 participantes do sexo feminino consideraram que as duas personagens do conflito gostam uma da outra, enquanto que 20 sujeitos do sexo masculino afirmaram tal compreensão.

- A quantidade de participantes do sexo feminino que compreendem que somente a primeira personagem gosta da segunda é superior à dos participantes do sexo masculino. 34 participantes do sexo feminino afirmaram tal compreensão, enquanto que apenas 22 participantes do sexo masculino o fizeram.
- 10 participantes do sexo masculino consideram que nenhuma das personagens gosta uma da outra, enquanto que apenas 5 participantes do sexo feminino apresentaram essa compreensão.
- 12 participantes do sexo feminino diferenciaram o gostar do amar, enquanto que apenas 5 participantes do sexo masculino o fizeram.

Em tais dados, destaca-se o fato de os participantes masculinos compreenderem, mais que os participantes do sexo feminino, que entre as duas primeiras personagens do conflito há uma relação com sentimentos positivos correspondidos. Por outro lado, os participantes do sexo feminino consideraram, em maior número, que se trata de uma relação em que há sentimentos positivos apenas por parte da primeira personagem em relação à segunda.

Para a leitura desse dado, retomaremos a dinâmica do amor cortês e discutiremos os papéis assumidos pelos homens e pelas mulheres. Reservamos tal discussão para o capítulo subsequente.

Nos limites deste capítulo, confiamos ter apresentado os modelos organizadores elaborados pelos sujeitos da pesquisa com o intuito de resolver o conflito proposto. Sobre esses, tecemos algumas discussões iniciais à luz do referencial teórico utilizado no trabalho e aprofundaremos as análises no capítulo que segue.

CAPÍTULO 7
DISCUSSÃO SOBRE OS RESULTADOS OBTIDOS

Neste capítulo, dedicar-nos-emos a discutir os dados apresentados no capítulo anterior. Para tanto, tomamos como eixo de análise os objetivos que guiam a presente investigação e, a partir deles, elaboraremos os tópicos que compõem este capítulo. Relembramos, pois, os objetivos traçados:

1) identificar e analisar os modelos organizadores do pensamento, a partir do modo como os sujeitos se posicionam diante da situação apresentada;
2) identificar e analisar os sentimentos atribuídos às personagens do conflito e a relação entre elas;
3) identificar e analisar como o gênero se manifesta no modo como os sujeitos resolvem o conflito proposto;
4) identificar e analisar se o princípio ético de cuidado é mobilizado na resolução do conflito apresentado;
5) identificar e analisar a compreensão dos sujeitos sobre relações afetivo-amorosas.

Ressaltamos que não elaboraremos um tópico específico para o objetivo 1 neste capítulo, visto que já apresentamos de maneira detalhada os modelos organizadores do pensamento no capítulo anterior. Entretanto, faremos as discussões que considerarmos necessárias sobre eles em cada um dos demais objetivos.

O objetivo 2 também já foi discutido no capítulo anterior, entretanto elaboraremos um tópico específico para a análise do mesmo, uma vez que, no capítulo 6, centramo-nos apenas nos sentimentos entre a primeira e a segunda personagens do conflito. Assim, neste capítulo, nosso intuito é abordar os sentimentos referentes às três personagens do conflito.

7.1 Análise do objetivo 2: os sentimentos entre as personagens do conflito

Com o intuito de responder ao segundo objetivo da pesquisa – **identificar e analisar os sentimentos atribuídos às personagens do conflito e a relação entre elas** –, retomamos as compreensões acerca dos sentimentos das personagens, como já pudemos verificar na

apresentação dos elementos abstraídos e dos significados atribuídos, de acordo com tabela 4, no capítulo anterior:

Tabelas 17: Sentimentos atribuídos às personagens do conflito

Elementos abstraídos e retidos como significativos	Significados atribuídos aos elementos
Sentimentos da primeira personagem	• ama a segunda personagem; • gosta da segunda personagem; • apaixonada pela segunda personagem; • encantada pela segunda personagem; • não gosta da segunda personagem; • não ama a segunda personagem; • gosta, mas não ama a segunda personagem; • iludida pela segunda personagem; • insegura do sentimento da segunda personagem; • envergonhada em demonstrar sentimento pela segunda personagem; • tem medo de demonstrar sentimento pela segunda personagem.
Sentimentos da segunda personagem	• ama a primeira personagem; • gosta da primeira personagem; • não ama a primeira personagem; • não gosta da primeira personagem; • insegura do sentimento da primeira personagem; • envergonhada em demonstrar sentimento pela primeira personagem; • tem medo de demonstrar sentimento pela primeira personagem.
Sentimentos da terceira personagem	• magoado(a); • ferido(a); • iludido(a); • gosta da primeira personagem.

Observamos, portanto, que os sujeitos da pesquisa não mencionavam somente um sentimento, mas referiam-se a uma série de sentimentos, algumas vezes, inclusive, em uma mesma resposta. Destacaram-se, sobretudo, a menção ao amar, ao gostar, ao estar encantada(o) e ao estar apaixonada(o).

Diante dessa diversidade de sentimentos, chamou-nos a atenção a dificuldade de precisar cada um dos termos, definindo os limites e abrangências entre um e outro. Assim, em primeiro lugar, destacamos que essa busca por definir e precisar os termos não constitui um de nossos objetivos. Em segundo lugar, consideramos a relevância de, ao invés de investigar a

linha tênue que delimita um e outro sentimento, compreendemos, junto a Moreno e Sastre (2010) que as relações afetivo-amorosas envolvem justamente uma teia complexa de emoções e sentimentos.

Desse modo, entendemos que, apesar das contribuições de Sternberg (1988) e Rubin (1970), é preciso analisar a relação entre o casal, tendo em vista a diversidade de sentimentos vivenciados, ao invés de classificá-la a partir de sentimentos isolados, tal como o fez Sternberg (1988), considerando apenas a intimidade, a paixão e o compromisso, ou, como o fez Rubin (1970), considerando o gostar e do amar.

Reiteramos, portanto, a importância das contribuições de Moreno e Sastre (2010), pois consideramos que se essa diversidade de sentimentos mencionados, por um lado, dificulta um entendimento mais preciso sobre qual a compreensão dos sujeitos da pesquisa, por outro lado, indica, de modo mais amplo, um quadro complexo de sentimentos.

Por essa razão, não buscaremos fazer sínteses, visando chegar a um único sentimento para cada uma das personagens do conflito, mas sim apresentar esse leque diverso de sentimentos mencionados pelos sujeitos da pesquisa.

Nessa direção, procuraremos apontar como se configurou, em cada um dos modelos, a atribuição de sentimentos entre as três personagens do conflito e à relação entre elas:

No **modelo 1,** conforme explicitamos anteriormente, para a resolução do conflito, os sujeitos se pautaram nos sentimentos e na emoção, minimizando a relevância dos elementos racionais. Com efeito, os participantes da pesquisa, que compõem esse modelo, atribuíram, com maior intensidade que nos demais modelos – embora não de forma unânime – sentimentos positivos entre a primeira e a segunda personagens apontando para o gostar, o amar, o estar encantada(o) e o estar apaixonada(o). No que diz respeito à terceira personagem e à relação dessa com a primeira, conforme pontuamos no capítulo anterior, não houve menção aos sentimentos entre elas, visto que os sujeitos não abstraíram como dado a terceira personagem do conflito.

No **modelo 2,** ocorreu o inverso do que sucedeu no modelo 1, pois os sujeitos consideraram com menor intensidade, se comparado aos demais modelos, os sentimentos e as emoções das três personagens do conflito. Assim, o gostar e o amar não chegaram a ser mencionados de modo significativo.

No **modelo 3,** a relação entre a primeira e a segunda personagens foi compreendida de modo similar ao modelo 1, embora a atribuição de sentimentos positivos não tenha sido tão marcante como no primeiro modelo. Entretanto, nesse modelo 3, de modo distinto ao que aconteceu no modelo 1, os sujeitos puderam refletir sobre os sentimentos da terceira personagem, atentando para o fato de ela não magoar-se em meio ao conflito afetivo-amoroso entre Fabiane/Pedro e Pedro/Fabiane.

No **modelo 4,** destaca-se a atribuição de sentimentos negativos entre as duas primeiras personagens do conflito[26], tal como o não gostar, e os sentimentos da terceira personagem não chegam a ser mencionados.

No **modelo 5,** também se faz notável a atribuição de sentimentos negativos entre as duas primeiras personagens do conflito[27]. Por outro lado, são atribuídos sentimentos positivos à relação entre a primeira e a terceira personagens, considerando, portanto, a possibilidade de Fabiane/Pedro gostar da personagem com a qual está vivenciando uma relação.

No **modelo 6,** notamos uma diferenciação entre o gostar e o amar. Ao afirmar tal distinção, os sujeitos desse modelo não delimitaram exatamente um e outro termo, senão que enfatizaram uma crítica ao amor romântico, contradizendo o fato de a primeira personagem considerar que a segunda é o grande amor da sua vida.

Verificamos, pois, nesse sentido, que os sujeitos apontaram para fatores que corroboram para a crítica a um amor idealizado e para a tomada de consciência dos sentimentos, tal como o diálogo entre as personagens e a autorreflexão por parte da primeira personagem, acreditando, portanto, a partir daí, terem um leque mais amplo de possibilidades de ação. Nesse sentido, entendemos que os aportes de Damásio (1996) nos auxilia diretamente na leitura desse dado, visto que o autor acredita que a consciência dos sentimentos contribui positivamente para a tomada de decisões. Assim, conforme explicamos no capítulo 2, os aspectos afetivos não prejudicam e contrariam os aspectos cognitivos, mas antes encontram-se imbricados e se complementam.

---

[26] Embora essa atribuição não seja unânime, foi a que sobressaiu.
[27] Novamente ressaltamos que essa atribuição não foi unanime.

Por fim, antes de fechar esse tópico, voltaremos à discussão inicialmente tecida no capítulo anterior, sobre a atribuição de sentimentos entre a primeira e a segunda personagens e a relação entre elas.

Conforme apontamos, verificamos cinco diferentes compreensões sobre os sentimentos entre as personagens em questão:

- as duas primeiras personagens gostam uma da outra;
- somente a primeira personagem gosta da segunda;
- nenhuma das duas personagens gosta uma da outra;
- diferenciação entre amar e gostar;
- Não opinaram claramente sobre os sentimentos entre as duas primeiras personagens do conflito.

Perante essas compreensões sobre os sentimentos entre as duas primeiras personagens do conflito, chamou-nos a atenção o fato de 46,7% dos participantes da pesquisa (compreendendo 56 sujeitos) terem considerado que somente a primeira personagem gosta da segunda. Tal compreensão prevaleceu, visto que: 24,16% dos participantes (compreendendo 29 sujeitos) disseram haver sentimentos mútuos entre essas personagens; 12,5% (compreendendo 15 sujeitos) afirmaram que não há sentimentos entre Fabiane/Pedro e Pedro/Fabiane; 14,16% (compreendendo 17 sujeitos) diferenciaram o gostar e o amar; e, por fim, 2,5% (compreendendo 3 sujeitos) não opinaram claramente sobre os sentimentos entre as duas personagens em questão.

O fato de haver sobressaído a compreensão de que somente a primeira personagem gosta da segunda nos leva a retomar as questões aventadas no capítulo 2 acerca do amor como falta, discutido especialmente por meio das reflexões de Costa (1998) e Comte-Sponville (2011). Em nossa revisão bibliográfica, iniciada com os estudos a partir da obra "*O Banquete*", de Platão, deparamo-nos com essa ideia, difundida desde a Filosofia Clássica – especialmente nos discursos de Aristófanes e de Diotima – e retomada, principalmente pela Psicanálise, de modo marcante em Lacan (1992).

Assim, tal como expusemos em nosso quadro teórico, desde a antiguidade tem prevalecido a compreensão de que o amor se fortalece a partir da frustração e do sofrimento, motivo pelo qual são exaltadas as relações em que há barreiras e/ou sentimentos não correspondidos. É o que podemos observar, por exemplo, com a história de Tristão e Isolda, como bem destaca Denis de Rougemont (1988).

Por essa razão, entendemos que esses dados não são mera casualidade, mas refletem um processo de aprendizagem sobre o afeto e o amor, processo esse que nos vem sendo ensinado desde a antiguidade.

E, nesse ponto, vale lembrar que, na construção do instrumento da pesquisa, encontramos nas redações a valorização do amor não correspondido, posto que, em diversos relatos, verificamos a ênfase atribuída a relações passadas, que, embora efêmeras – ou, quiçá, justamente por isso[28] –, haviam marcado profundamente a experiência dos sujeitos, que afirmavam seguir amando a pessoa com a qual tinham se relacionado anteriormente.

A despeito de tais reflexões, vale ressaltar que não estamos considerando como negativa essa prevalência da compreensão dos sujeitos da pesquisa sobre os sentimentos não correspondidos entre Fabiane e Pedro. Ao contrário, esse dado, por si só, poderia nos dar margem para inferir que os sujeitos possuem consciência para reconhecer quando se trata de uma relação em que há sentimentos positivos não correspondidos e, portanto, tenderiam a ter uma maior probabilidade de tomar decisões no sentido de impedir uma relação carente de reciprocidade, de doação mútua e de alteridade.

Contudo, não podemos analisar esse dado isoladamente. É preciso considerar que prevaleceu também o aconselhamento de que a primeira personagem investisse na relação com a segunda. Ora, vejamos: como já explicamos, 56 sujeitos afirmaram que se trata de uma relação em que há sentimentos apenas por parte da primeira personagem do conflito em relação à segunda. Esse número é quase que equiparável ao número de sujeitos do modelo 1 – 53 sujeitos – que consideraram a necessidade de haver investimento na relação entre as duas primeiras personagens do conflito, bem como demonstraram a concepção romântica de amor. Por conseguinte, verificamos que, ao mesmo tempo em que prevaleceu o reconhecimento de que não se trata de uma relação em que há sentimentos mútuos entre as personagens, prevaleceu também a postura de investimento na relação entre elas.

Tendo em vista tais dados, torna-se relevante retomarmos as considerações de Walster e Berscheid (1982), uma vez que as autoras afirmaram que, nas relações afetivo-amorosas, não há uma relação direta entre o sentimento de agrado/desagrado e a atitude de aproximação/repulsa, podendo haver, por exemplo, o sentimento de agrado e a atitude de repulsa, ou o contrário. Assim, as autoras apontam que a atração nas relações afetivo-amorosas é mais complexa que nos demais tipos de atração interpessoal.

[28] Não possuímos dados suficientes para afirmar com precisão.

Dessa maneira, entendemos que a ideia do amor como falta se destaca ainda mais quando analisamos esse dado sobre os sentimentos articulados ao investimento na relação entre as duas primeiras personagens. Assim, as reflexões críticas, trazidas por Costa (1998) e Comte-Sponville (2011), acerca da valorização de um amor frustrado e marcado pelo sofrimento, são de extrema relevância para a compreensão desses dados.

Também reconhecemos a necessidade de trazer à tona as considerações de Aristóteles (1991) e de Robert Solomon (1992) sobre o amor, já que esses autores referem-se à necessidade de retribuição e resposta nas relações amorosas e, portanto, de um amor em que há envolvimento mútuo. Contudo, a postura assumida por esses autores parece estar ainda distante de se concretizar na prática, conforme nos relevam os resultados da presente investigação, visto que os jovens – participantes da pesquisa – parecem valorizar mais as relações em que há amor e afeto não correspondido que aquelas em que há reciprocidade.

Entretanto, faz-se importante salientar que não pretendemos traçar conclusões de que os jovens brasileiros valorizam, majoritariamente, o amor não correspondido, pois entendemos que os resultados de nossa pesquisa se situam em um determinado contexto e que, possivelmente, outras investigações realizadas em distintos contextos poderiam nos revelar distintas compreensões.

7.2 Análise do objetivo 3: o gênero na resolução do conflito

Desenvolveremos este tópico tendo em vista o seguinte objetivo específico: **identificar e analisar como o gênero se manifesta no modo como os sujeitos resolvem o conflito proposto.**

No trabalho de análise dos dados, deparamo-nos com algumas afirmações acerca do modo distinto com que as jovens, participantes do sexo feminino, e os jovens, participantes do sexo masculino, manifestaram o afeto e o amor. Vejamos alguns exemplos:

SUJEITO 120 – 17 anos, sexo masculino
Questão 1: Acho que sim porque é difícil se esquecer a quem se amou tanto.
Questão 2: Acho que sim, porque ***as meninas são mais sentimentais.***

SUJEITO 72 – 16 anos, sexo masculino

Questão 1: Sim, porque apesar dele querer ficar com ela, ele não consegue se aproximar e isso mostra que ele está com vergonha, mostra que ele se importa muito com o que ela vai pensar dele.
Questão 2: Sim, senão ela não teria se aproximado dele na festa, ***porque geralmente as meninas esperam os homens tomarem atitudes****.*

Diante desses dados, parece-nos evidente que, no campo das relações afetivo-amorosas, as diferenças dicotômicas que marcam o ser homem e o ser mulher notadamente se dão. Reiteramos, por essa razão, a necessidade dos aportes dos estudos de gênero, visto que buscam trabalhar e romper com as diferenças e dicotomias que ditam a forma de assumir o sexo masculino e o sexo feminino.

No que se refere à compreensão sobre os sentimentos, conforme apresentamos no capítulo anterior, um dado que sobressaiu foi o de que as participantes do sexo feminino compreenderam, em maior número que os participantes do sexo masculino, que somente a primeira personagem gosta da segunda, considerando, portanto, que se trata de uma relação em que há sentimentos positivos não correspondidos.

Essa diferença pareceu-nos bastante significativa, visto que 34 participantes do sexo feminino reconheceram que, entre Fabiane/Pedro e Pedro/Fabiane, há sentimentos positivos apenas por parte da primeira personagem em relação à segunda, enquanto que 22 sujeitos do sexo masculino o fizeram.

Para a compreensão desse dado faz-se relevante retomar a dinâmica do amor cortês. Sobre esse, tal como descrevemos no capítulo 2, lembramos que o homem cortejava a dama, e essa, por sua vez, nunca cedia aos desejos masculinos e a seus próprios desejos. Desse modo, uma possível interpretação desse dado é que os sujeitos do sexo masculino, ao terem que assumir a tarefa de conquistar, necessitam confiar que há sentimentos positivos por parte da pessoa desejada. Por outro lado, as mulheres, ao assumirem uma postura mais passiva, apresentam menos confiança de que se trata de uma relação correspondida.

E, vale destacar que essa dinâmica do amor cortês parece persistir, pois, conforme Nolasco (1993), os homens tendem a assumir a postura constante de conquistadores – haja vista o êxito da figura de Don Juan – entretanto, à medida que alcançam o objetivo de conquistar, passam a desvalorizar as mulheres que cedem aos anseios masculinos.

Ora bem, entendemos que ter em vista essa estratégia masculina de conquista, destacada por Nolasco (1993), permite-nos indagar se o fato de as participantes do sexo feminino considerarem, em maior número, que se trata de uma relação na qual apenas a primeira personagem gosta da segunda, poderia tratar-se de um aprendizado histórico. Em

outras palavras, se, por um lado, os homens aprenderam que necessitam conquistar, por outro, as mulheres aprenderam que as atitudes masculinas tratam-se de mera conquista, mas que não há, efetivamente, a intenção de corresponder aos sentimentos da pessoa cortejada. Contudo, insistimos: não queremos dar como certa essa interpretação, senão levantar possibilidades para a leitura desse dado.

Outra questão que nos parece importante destacar é que, observando o modelo 1 – composto por 53 dos sujeitos da pesquisa –, verificamos que os participantes do sexo masculino expressaram, mais que as participantes do sexo feminino, a compreensão de amor romântico. Lembramos que 33 participantes do sexo masculino compõem esse modelo, ao lado de 20 sujeitos do sexo feminino.

Esse dado nos surpreendeu de maneira significativa, visto que, em nossa investigação, encontramos a preocupação com o fato de o amor romântico trazer prejuízos às mulheres, consideradas as mais atingidas pelos ideais desse tipo de amor, conforme afirma Giddens (1992).

Nossos dados, portanto, parecem contrariar essa compreensão, isso é, enquanto nos deparamos com a consideração de que as mulheres compartilham mais do ideal de amor romântico, verificamos, em nossa pesquisa, o contrário.

Não obstante, vale ressaltar que, no caso de nosso instrumento de pesquisa, a separação das personagens Fabiane/Pedro e Pedro/Fabiane exerce um importante papel, que, a nosso entender, não pode ser desprezado na leitura desse dado, isso porque verificamos que, no modelo 1, no qual prevalece a concepção de amor romântico, a implicação entre os elementos abstraídos e os significados atribuídos foi o investimento na relação entre Fabiane/Pedro e Pedro/Fabiane. Assim, uma das questões que podemos aventar é a de que essa concepção de amor romântico, no caso de nossa pesquisa, parece estar relacionada com a dificuldade de aceitação do fim do relacionamento.

Esse dado poderia nos levar a discutir a violência de gênero, com foco especial para a violência contra a mulher, uma vez que os sujeitos do sexo masculino compuseram, em maior número, o modelo1. Assim, poderíamos ser conduzidos a considerar que a violência de gênero está oculta no ideal de amor romântico. Entretanto, nossa investigação não possui elementos suficientes para tal afirmação e, portanto, apenas nos limitaremos a apontar a relevância de investigações que se dediquem à analise da questão.

De qualquer maneira, entendemos que nossos dados permitem alertar para o fato de que o ideal de amor romântico não está relacionado somente ao sexo feminino, mas também se manifesta, com notável força, entre os sujeitos do sexo masculino.

7.3 Análise do objetivo 4: o princípio ético de cuidado na resolução do conflito

Conforme expusemos no capítulo anterior, tendo em vista o seguinte objetivo da pesquisa – **identificar e analisar se o princípio ético de cuidado é mobilizado na resolução do conflito apresentado** –, deparamo-nos com esse princípio no modelo 3 e no modelo 6.

No modelo 3, os sujeitos mencionaram a necessidade de cuidado para evitar que a primeira personagem ferisse, magoasse ou iludisse a terceira personagem do conflito.

Entretanto, de modo geral, predominaram os participantes da pesquisa que não abstraíram como dado a terceira personagem do conflito – como no modelo 1, no modelo 2 e no modelo 4 –, sendo que alguns sujeitos nem sequer a mencionaram ou, se o fizeram, atribuíram papel insignificante a ela, considerando que ela serviu apenas para que a primeira personagem esquecesse a segunda ou, ainda, tratando-a como alguém que somente colocava barreiras no relacionamento entre Fabiane/Pedro e Pedro/Fabiane.

No modelo 6, embora os sujeitos tenham mobilizado o principio ético de cuidado em benefício da terceira personagem, notamos que essa mobilização se deu de maneira distinta a do modelo 3, visto que os participantes consideraram a necessidade de cuidado para com os sentimentos e ações das três personagens do conflito.

Para a leitura desse dado, as reflexões de Gilligan, explicitadas em nosso quadro teórico, indicam-nos um caminho promissor. Conforme tratamos no capítulo 3, a autora ressaltou o cuidado como elemento importante a ser contemplado nos estudos sobre a moralidade – ampliando, pois, a perspectiva pautada unicamente no princípio de justiça – e possibilitou, assim, um importante avanço para as investigações na Psicologia Moral.

Nessa direção, é interessante mencionar que Gilligan aponta que a moral está justamente vinculada à capacidade de se considerar todos os elementos mediante um dilema. Segunda a autora, a moralidade:

> consiste em dedicar tempo e energia para considerar tudo. Decidir sem cuidado ou depressa sobre a base de um ou dois fatores, quando sabemos que há outras coisas que são importantes e serão afetadas: isso é imoral. A forma moral de tomar decisões é considerar tudo o que se possa ser considerado, tudo o que se saiba (GILLIGAN, 1985, p.240, tradução nossa).

Convergindo com a afirmação da autora, nossos dados revelaram que os sujeitos que mobilizaram o cuidado na resolução do conflito levaram em consideração um maior número

de elementos para resolver o conflito proposto, atentando-se para as três personagens da história e não para apenas duas delas.

Vale destacar, ainda, que os modelo 3 e 6, nos quais houve a mobilização do princípio ético de cuidado, são compostos majoritariamente por participantes do sexo feminino. Lembramos que:

- o modelo 3 é composto apenas por 3 participantes do sexo masculino – o que representa o percentual de 2,5% – e 16 participantes do sexo feminino – o que representa o percentual de 13,3%;
- o modelo 6 apresenta 5 participantes do sexo masculino – o que representa o percentual de 4,2% – e 12 participantes do sexo feminino – o que representa o percentual de 10%.

Consideramos, por conseguinte, a relevância de, uma vez mais, recorrermos ao trabalho Gilligan (1982), visto que a autora foi pioneira ao atentar para o modo distinto das mulheres se posicionarem frente aos dilemas morais. Para Gilligan, as mulheres se preocupam com a relação com os outros e demonstram maior sensibilidade às necessidades desses. Desse modo, o desenvolvimento moral feminino se pautaria especialmente, embora não exclusivamente, na ética do cuidado.

Apesar dessa proposição da autora nos parecer valiosa para leitura do dado em questão, apresentamos uma importante ressalva.

Lembramos que Gilligan se inseriu na corrente do feminismo da diferença. Assim, ressaltamos que, ao atentarmos para as contribuições dessa autora para a leitura de nosso dado, não queremos contrariar nosso quadro teórico acerca das relações gênero.

Ora, bem sabemos que Gilligan acabou – de forma intencional ou não (não nos cabe julgar) – por contribuir para sustentar as diferenças entre os sexos – relacionando a "ética do cuidado" com o desenvolvimento moral feminino e a "ética da justiça" com o desenvolvimento moral masculino.

Desse modo, as considerações da autora supracitada parecem contrariar o conceito de gênero, uma vez que esse, conforme Scott (1995, 1992), fornece-nos instrumentos para a desconstrução dos binarismos que marcam o masculino e o feminino.

Nesse impasse, consideramos que Gilligan contribuiu para a descrição das diferenças – tarefa que nos parece de suma importância, já que essas diferenças não são meras criações teóricas, pois persistem social e culturalmente, tal como revelam nossos dados. Entretanto, também consideramos a relevância de apontarmos para a necessidade de transcender a mera descrição de que os participantes do sexo feminino se preocupam mais com o princípio ético

de cuidado se comparado aos participantes do sexo masculino. Assumir tal postura seria cair no mesmo equívoco que já denunciamos ao nos remetermos às pesquisas realizadas na Psicologia Evolucionista, as quais, de nosso ponto de vista, somente descrevem os resultados, mas não os analisa com maior profundidade, eximindo-se, desse modo, de buscar compreender as construções socioculturais que marcam o masculino e o feminino e que, justamente, corroboraram para os resultados encontrados nas pesquisas realizadas nesse campo da Psicologia.

Nesse sentido, tomando o gênero como uma categoria analítica, como nos propõe Scott (1995), faz-se relevante atentar para os fatores históricos que influenciam tal resultado. Destaca-se, pois, o fato de que é delegado majoritariamente à mulher os cuidados para com as tarefas da maternidade, questão que, aliás, chega a ser reconhecida e discutida por Chodorow (1990), Gilligan (1982) e Noddings (2003).

Contudo, embora essas autoras tenham apontado tal fator sociocultural, que leva as mulheres a preocupar-se mais que os homens com o cuidado, é preciso trazer à tona também as críticas que elas sofreram, por acabarem considerando o cuidado como um elemento essencialmente feminino. Por essa razão, optamos por fugir de uma posição essencialista que considera que o cuidado é um valor natural das mulheres. De acordo com reflexões que já apresentamos no capítulo 3 e conforme explica Thereza Montenegro (2003):

> [...] a explicação da suposta maior propensão das mulheres para o cuidado é quase "natural", estabelecendo-se nos três primeiros anos de vida, período em que se forma a identidade de gênero. O fato de nessa fase o contato mais próximo da criança ser principalmente com mulheres proporciona uma dinâmica interpessoal própria. Simplificando, pode-se dizer que a menina, por se sentir mais identificada com a mãe, vivencia sentimentos de proximidade com ela, o que propicia o desenvolvimento de uma identidade de gênero que funde o apego com a identidade pessoal. Quanto aos meninos, a vivência da proximidade com a mãe, ou com a figura feminina mais próxima, ao contrário, leva-os a definir sua identidade de gênero com a separação da mãe de si mesmos, diminuindo, com isso, a ênfase no vínculo empático e aumentando os sentimentos de diferenciação (MONTENEGRO, 2003, p. 500).

Diante de tal reflexão, reconhecemos que fatores como a maternidade possivelmente contribuem para que o cuidado se configure como um valor articulado ao sexo feminino. Entretanto, não se trata de cair em uma postura, tal como a de Noddings (2003), a qual acaba por afirmar que a “ética do cuidado” é essencialmente feminina (p. 21).

Outra importante ressalva é que, apesar de atentarmos para a mobilização da ética do cuidado para a resolução do conflito, consideramos que o cuidado, por si só, não assegura os

princípios éticos. Como podemos observar no modelo 6, elementos como o diálogo, o conhecimento do outro e o autoconhecimento auxiliam de modo favorável a resolução do conflito proposto. Nesse sentido, notamos que há diferenças significativas entre o modelo 3 e o modelo 6, visto que, embora a ética do cuidado se faça presente em ambos, é no modelo 6 que se verifica um número maior de elementos capazes de garantir a ética nas relações afetivo-amorosas.

Por essa razão, firmamos, uma vez mais, certa distinção especialmente com o trabalho de Noddings (2003), pois entendemos que essa autora, de forma ainda mais notável que Gilligan, acabou por deixar brechas no sentido de restringir a ética ao princípio de cuidado.

7.4 Análise do objetivo 5: a compreensão dos sujeitos da pesquisa acerca das relações afetivo-amorosas

Visando responder ao quinto objetivo específico – **identificar e analisar a compreensão dos sujeitos sobre relações afetivo-amorosas –,** destacaremos tais compreensões em cada um dos modelos organizadores do pensamento.

No **modelo 1,** verificamos uma compreensão idealizada do afeto e do amor. Nele os sujeitos não criticaram o fato de a primeira personagem considerar que a segunda é "o grande amor da sua vida" e aconselharam que a primeira investisse na relação com a segunda, lutando e "correndo atrás" dessa.

Tal compreensão nos leva a retomar as considerações críticas de Moreno e Sastre (2010) acerca do *amor romântico*. Para tanto, retomaremos algumas das características apontadas pelas autoras, a respeito desse tipo de amor, e buscaremos refletir sobre elas à luz dos dados da pesquisa, visto que os participantes de nossa investigação demonstraram compreensões similares às criticadas pelas autoras.

Primeiramente, atentamos para o fato de que para Moreno e Sastre (2010) o amor deve envolver tanto os elementos afetivos, como também os cognitivos. Assim, as autoras criticam a compreensão de que estar amando não é um ato voluntário, que não envolve racionalidade, e que, portanto, não é algo que se possa decidir. Chamamos a atenção para essa crítica, pois, nesse primeiro modelo, o amor aparece como um fenômeno natural, instintivo, que se dá sem a influência da razão. Não se trata, pois, de um processo que pode ser construído, mas de algo que acontece, sem que o sujeito possa efetivamente intervir e escolher.

É o que podemos observar com a seguinte resposta, de um dos sujeitos da pesquisa que compõe o modelo 1:

Sujeito 30 – 15 anos, sexo masculino

Questão 1: Sim, porque ele sente que gosta dela mesmo afastados ele não consegue esquecer ela da sua mente. Pedro você tem que correr atrás do seu verdadeiro "amor", pois ***o amor não se constrói, você pode se acostumar com a pessoa, mas o amor não é construído.***

Também destacamos a crítica de Moreno e Sastre (2010) à ideia de que o amor pode tudo e de que justifica todas as ações, não importando se as ações são éticas. Assim, nessa perspectiva a pessoa amada se torna um valor supremo e todo o demais é secundário (MORENO; SASTRE, 2010, p. 112).

Sobre essa forma de se compreender o amor, parece-nos interessante destacar que, em nossa pesquisa, observamos que apenas no modelo 3 e no modelo 6 houve a mobilização do princípio ético de cuidado.

Destacamos, ainda, a crítica das autoras em relação à ideia de um amor incondicional, no qual se considera o fato de que, se uma pessoa ama alguém de verdade, não importa o que o(a) amado(a) faça, deve-se dar continuidade ao relacionamento. Deste modo, acredita-se que o verdadeiro amor dura para sempre.

Ora bem, como já explicamos anteriormente, a implicação entre os elementos abstraídos e os significados atribuídos nesse modelo 1 foi o investimento na relação entre Fabiane/Pedro e Pedro/Fabiane. Para manifestar essa postura, verificamos que os sujeitos utilizaram principalmente a expressão “correr atrás”.

Alguns sujeitos aconselharam o investimento na relação entre as duas primeiras personagens, mesmo que se trate de uma relação em que há sentimentos positivos não correspondidos. Vejamos um exemplo:

Sujeito 4 – 15 anos, sexo feminino

Questão 1: No fundo acho que não, pois ***quando uma pessoa gosta da outra ela luta por esse amor até o fim, mesmo se esse amor não for correspondido.***

Por fim, destacamos uma característica que, embora não tenha sido mencionada por Moreno e Sastre (2010) sobressaiu no modelo 1. Trata-se do fato de que alguns participantes atentaram para a beleza e a popularidade da segunda personagem, conforme explicita o exemplo abaixo:

Sujeito 47 – 16 anos, sexo feminino

Questão 1: Eu acho que sim, porque quando ela ficou com ele, ela gostou bastante dele, porque ele a respeitou muito e ela não imaginava tudo isso, pois ***ele era o bonitão do colégio onde todas as meninas queriam ficar com ele.***
Questão 2: Eu acho que sim, porque ele a respeitou, ***ele deveria gostar dela realmente, diferente de outros garotos que por se achar os bonitões do colégio só queriam ficar e curtir****.*

Para a análise desse dado, parece-nos interessante a reflexão de Maria Helena Fávero (2010, p. 345). Ao referir-se ao amor romântico, essa autora menciona o imperativo da beleza, divulgado pela mídia, e em especial nos filmes de Holywood, que exaltam a imagem da princesa e do príncipe, sempre representados por uma bela mulher e um belo homem. Para essa autora, esse imperativo impõe uma série de riscos, dentre os quais a preocupação excessiva com o corpo e com a necessidade de sentir-se bonita(o) e desejável para encontrar o príncipe ou a princesa.

Ressaltamos, ademais, que a valorização da beleza não é algo natural, senão que construída socialmente. Com efeito, entendemos que o fato de as pesquisas no campo da Psicologia Evolucionista apontarem para a valorização da beleza por parte dos participantes do sexo masculino, não é mera casualidade, visto que a beleza constitui-se como um atributo requisitado de modo mais marcante para as mulheres, como bem destaca Borges (2005).

Destacamos, contudo, que, em nossa pesquisa, não possuímos dados suficientes para afirmar que a beleza é essencial para a configuração de uma relação afetivo-amorosa, uma vez que apenas duas personagens do sexo feminino fizeram referência a esse elemento. Em todo caso, pareceu-nos interessante destacar esse dado, já que ele foi pouco mencionado e que essa menção foi feita por participantes do sexo feminino. Assim, verificamos uma importante distinção com as pesquisas que relatamos no capítulo 2, realizadas a partir dos aportes da Psicologia Evolucionista.

No **modelo 2**, os sujeitos não demonstraram claramente uma compreensão sobre o afeto e o amor, posto que não o mencionaram de modo significativo.

A implicação entre os elementos abstraídos e os significados atribuídos foi o aconselhamento de relações rápidas, como o “ficar” e o “pegar”.

Destacamos que, diante do termo “pegar”, não abordado em nosso quadro teórico, fomos impelidos a buscar investigações que o tivessem mencionado. Nesse sentido, encontramos a pesquisa de Denize Oliveira et al.(2007), porém não notamos diferenças consideráveis com o “ficar”. Por essa razão, consideramos que a descrição que fizemos sobre o “ficar”, no capítulo 2, também nos ajuda a compreender o termo “pegar”. Contudo, consideramos que tratá-los como sinônimos seria demasiado arriscado, visto que são fenômenos recentes, pouco investigados e que, quiçá, uma investigação com sujeitos jovens poderiam nos revelar diferenças significativas entre ambos. Ademais, como discutimos no capítulo 1, faz-se relevante entender as singularidades que perpassam a juventude em diferentes contextos socioculturais, ao contrário de homogeneizar o modo de viver, pensar e sentir dos sujeitos jovens. Tendo em vista tais considerações, entendemos que as investigações sobre o ficar tem muito ainda a nos revelar sobre as distintas formas de se assumir as relações esporádicas em diferentes contextos.

De qualquer modo, o que nos interessa destacar é que, conforme atentam Oliveira et al. (2007), o ficar e o pegar envolvem relações afetivas menos intensas que o namoro. Compreensão, aliás, convergente com a dos teóricos que mencionamos no capítulo 2 ao caracterizarmos o “ficar”.

Diante da postura assumida por esses pesquisadores, que vêm investigando o ficar, parece-nos relevante ressaltar que a construção de nosso instrumento de pesquisa nos revelou algo distinto, uma vez que os sujeitos relataram relações passageiras, vivenciadas no passado, e nas quais seguiam envolvidos afetivamente. Portanto, parece-nos importante atentar que o fato de haver menos vínculos de compromisso entre os envolvidos não necessariamente leva a uma relação em que os sentimentos e o afeto são menos intensos.

Essa consideração parece-nos ainda mais pertinente ao observarmos que, tendo em vista o conflito proposto, a relação entre a primeira e a segunda personagens é rápida, tendo duração de dois meses, enquanto que a relação entre a primeira e a terceira é mais duradoura. Apesar disso, os sujeitos da pesquisa mencionaram sentimentos positivos como o gostar, o amar e o estar apaixonado(a) com maior intensidade, quando se referiram à relação entre a primeira e a segunda personagens, que ao referir-se à relação entre a primeira e a terceira personagens.

No **modelo 3,** os sujeitos afirmaram que o amor *é algo pelo qual se deve lutar*, entretanto essa “luta” não deve se dar de modo incondicional, diferindo, portanto, do modelo

1, posto que os sujeitos do modelo 3 consideraram a necessidade de cuidado para com a terceira personagem do conflito.

No **modelo 4** e no **modelo 5,** os sujeitos consideraram que o amor exige tempo.

Sobre essa questão, lembramos que, em nosso quadro teórico, deparamo-nos com autores que apontam tal compreensão sobre o amor. José Ortega y Gasset (1960), por exemplo, afirma a necessidade de tempo para que, efetivamente, exista amor entre os envolvidos em uma relação.

Em nossa investigação, entendemos que não se trata de desprezar por completo a relevância do elemento tempo, visto que a consolidação de uma relação também o exige, pois, conforme nos indica Giddens (1992), o amor requer o diálogo e o estabelecimento de acordos constantes, o que, portanto, exige certo amadurecimento da relação. Entretanto, tomar esse elemento como isolado não garante a configuração de uma relação amorosa. Nesse sentido, o modelo 6 nos revela uma compreensão mais ampla dos sujeitos da pesquisa acerca das relações afetivo-amorosas.

No **modelo 6,** os sujeitos consideraram que *o amor exige tempo, diálogo, conhecimento do(a) parceiro(a) e autorreflexão.*

Tal compreensão nos leva a retomar, especialmente, as contribuições de Giddens (1992) sobre *o amor confluente*, já que, conforme explicitado anteriormente, esse autor coloca o diálogo como base para as relações amorosas na sociedade contemporânea. Segundo Giddens, esse tipo de amor – o amor confluente – exige a negociação constante entre os parceiros; uma negociação pautada no respeito à liberdade dos envolvidos. Esses pressupostos, portanto, parecem convergir com a postura apresentada pelos sujeitos que compõem o modelo 6.

No que diz respeito ao modo como os sujeitos desse modelo buscaram resolver o conflito apresentado, é notável que eles consideraram um número de elementos maior que os sujeitos que compõem os demais modelos. Por essa razão, entendemos que eles nos apontam uma visão mais ampla e complexa sobre as relações afetivo-amorosas.

A partir de tais apontamentos, portanto, faz-se relevante evidenciar que, enquanto verificamos no modelo 1 uma forma mais simplificada de resolver o conflito proposto, tendo os sujeitos levado em consideração apenas os elementos afetivos, no modelo 6 verificamos uma articulação entre os elementos afetivos e cognitivos.

Em síntese, consideramos relevante destacar que observarmos diversos modos de se compreender as relações afetivo-amorosas. Por esse motivo, atentamos para a necessidade de se evitar uma visão de que os jovens valorizam mais as relações passageiras e marcadas pela ausência de compromisso. Nossa ressalva se dá, pois verificamos que as investigações que buscam compreender as relações afetivas na juventude caminham, na maior parte das vezes, apenas para a discussão sobre o ficar.

Destacamos, ademais, que não pretendemos universalizar a validade de nossos resultados. Entendemos, em consonância com as contribuições teóricas apresentadas no capítulo 1, que os sujeitos jovens apresentam modos distintos de pensar, sentir e agir. Assim, entendemos que as compreensões apresentadas pelos participantes de nossa pesquisa se situam em um determinado contexto sociocultural, não podendo, portanto, ser generalizadas.

Por fim, tendo em vista as análises tecidas, atentamos, uma vez mais, para a relevância da Teoria dos Modelos Organizadores, visto que essa permitiu-nos um trabalho a partir dos próprios dados da pesquisa e não a partir de categorias prévias. Por conseguinte, diante da diversidade de elementos que emergiram dos dados, observamos que alguns deles, inclusive, contrariavam nosso quadro teórico. Esse modo de análise, portanto, impeliu-nos a lidar com as incertezas e indeterminações, visto que não tínhamos um caminho definido desde o princípio.

Nessa direção, esperamos ter contribuído para a construção de um fazer científico que abarca a complexidade do psiquismo humano, considerando, por exemplo, os aspectos afetivos que o perpassam, ao contrário de investigá-lo apenas a partir dos aspectos racionais. Logo, caminhamos por rumos pouco desbravados, visto que, conforme arguimos no presente trabalho, as investigações científicas, dentre as quais destacamos as pesquisas realizadas na Psicologia Moral, consideraram majoritariamente os aspectos racionais.

CAPÍTULO 8
CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscando finalizar o presente trabalho, apresentaremos as principais reflexões e resultados encontrados na presente investigação. Com esse intuito, retomamos o objetivo central que a guiou, a saber: **identificar e analisar como jovens, estudantes paulistanos, de 15 a 17 anos, organizam o pensamento ao analisar um conflito afetivo-amoroso.**

Tendo-o em vista, iniciamos o trabalho discutindo as compreensões tecidas na Psicologia acerca da adolescência (termo que predominou nessa área). Frente a essa empreitada, deparamo-nos com uma visão negativa dessa fase da vida, considerada como um período normalmente conflitivo (ABERASTURY,1983; ABERASTURY E KNOBEL, 1984; KNOBEL, UCHOA E PERESTRELLO, 1981; BLOS, 1998). Conforme destacamos ao longo do trabalho, e especialmente no capítulo 1, essa compreensão sobre a adolescência limitou-se a abordá-la a partir de uma perspectiva naturalizante e universal, preocupada, portanto, com as características que homogeneízam os adolescentes, ao invés de atentar para as singularidades e heterogeneidades que delineiam essa fase da vida.

Por outro lado, encontramos, em estudos realizados nas Ciências Sociais, a busca por compreender as singularidades do ser jovem, considerando a juventude – termo predominantemente utilizado nessa área – como um construto social situada em determinado contexto histórico e cultural (MELUCCI, 1997; SPOSITO E CARRANO, 2003; ESTEVES E ABRAMOVAY, 2007; SPOSITO, 2009).

Nesse percurso, firmamos nossa opção por utilizar o termo juventude em nosso trabalho, porém, mais que a mera opção por essa terminologia, buscamos compartilhar dos aportes teóricos, advindos das Ciências Sociais, em prol de uma compreensão mais ampla desse período da vida.

Essa escolha nos levou a distinguir da abordagem dada pela Psicologia, em especial pela Psicanálise, à sexualidade, já que nessa área, a sexualidade foi tratada como fator que, universalmente, impulsiona os conflitos na adolescência. Nossa distinção se deu, pois, para além de evitar essa abordagem, buscamos tratar a sexualidade não como um fenômeno puramente biológico e ligado apenas ao ato sexual e à reprodução, mas sim como um fenômeno complexo que envolve crenças, valores, relações de gênero, afeto, amor, dentre outros aspectos.

Nesse caminho, e seguindo os rumos traçados em nosso objetivo central, tomamos o afeto e o amor – considerados como aspectos que compõem a sexualidade – enquanto tema central das discussões realizadas no capítulo 2.

Para compreender a dimensão afetiva, recorremos à contribuições teóricas que nos permitissem vislumbrar a indissociabilidade entre razão e emoção. Diante dessa tarefa, destacaram-se os aportes de autores clássicos na Psicologia, como Piaget (2005/1954), Vygotsky (1989) e Wallon (1989), bem como de autores que, recentemente, vêm trabalhando essa indissociabilidade, com destaque para o trabalho de Damásio (1996).

No que se refere ao amor, mediante a revisão da literatura acadêmica, sobressaiu-se, especialmente na Filosofia Clássica e na Psicanálise, a ideia do amor como falta, um amor marcado pela frustração e pelo sofrimento. Em contraponto a essa ideia, pareceu-nos interessante a reflexão de Aristóteles (1991) e de Robert Solomon (1992), uma vez que tais autores colocam em pauta a necessidade de retribuição e doação mútua entre os envolvidos em uma relação amorosa. Ademais, buscamos fugir de abordagens que tratem o amor como um fenômeno puramente racional – como predominou na Filosofia Clássica – ou, por outro lado, como puramente emocional – compreensão que costuma prevalecer na Psicanálise.

Ainda nos limites do capítulo 2, investigamos as formas de se vivenciar as relações afetivo-amorosas na sociedade contemporânea, trajeto que nos levou a discutir uma série de estudos que investigam o "ficar" entre os jovens. Frente a esses estudos, ressaltamos uma postura de cautela, já que ao se tratar de um fenômeno recente e ainda pouco investigado, consideramos a necessidade de um número maior de investigações que se debrucem a entender – a partir da perspectiva dos próprios jovens – as questões que perpassam o "ficar".

No terceiro capítulo, explicitamos as construções sociais que demarcam e ditam as diferentes formas de se assumir o "ser homem" e o "ser mulher", tendo-nos debruçado a discutir o conceito de gênero. Encontramos-nos, pois, com as contribuições de autoras como Joan Scott (1995), a qual coloca em pauta a necessidade de tomar o gênero como categoria analítica e como instrumento capaz de desconstruir os binarismos entre o masculino e o feminino.

Não obstante, verificamos que persistem as investigações acadêmicas que tratam como natural a distinção entre os sexos. Nesse sentido, destacamos especialmente as pesquisas realizadas no campo da Psicologia Evolucionista, as quais, a nosso entender, têm encontrado, em seus resultados, modelos estereotipados sobre o que atrai os homens e as mulheres no processo de seleção e escolha do(a) parceiro(a). Diante dessas investigações, firmamos, uma vez mais, a busca por nos distanciarmos de compreensões simplistas.

Para tanto, consideramos fundamental transcender a leitura naturalizante acerca da atração nas relações afetivo-amorosas, trazendo à tona a discussão sobre a dimensão moral que está posta na escolha do(a) parceiro(a). Diante dessa tarefa, buscamos apresentar uma compreensão acerca da moralidade que, de nosso ponto de vista, permite-nos abordá-la de modo mais complexo.

Ainda que nossa busca tenha consistido em uma apreciação mais ampla e complexa sobre a moralidade, pudemos notar que essa não é uma tarefa fácil, haja vista que, no caminho percorrido pelos estudos sobre o tema, predominou uma visão linear, como, por exemplo, nos trabalhos de Jean Piaget (1932) e Lawrence Kohlberg (1989, 1992).

Vislumbramos, pois, na Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento, a audácia para desbravar outros atalhos, senão aqueles que vão por uma "linha reta". Afinal, visamos contemplar as singularidades dos sujeitos – jovens, no caso da presente investigação –, entendendo que são diversas as emoções, os sentimentos e as razões pelas quais eles se atraem e optam por vivenciar – ou não – uma relação afetivo-amorosa.

Tendo em vista todas essas considerações, desenvolvemos a presente pesquisa a partir do seguinte problema: ***Como jovens, estudantes paulistanos, de 15 a 17 anos, organizam o pensamento ao analisar um conflito afetivo-amoroso?***

Com o intuito de respondê-lo, o estudo de campo consistiu na aplicação de um conflito, de conteúdo afetivo-amoroso, a 120 jovens de uma escola pública de Ensino Médio, localizada na zona oeste do município de São Paulo. Tais sujeitos tinham idades entre 15 e 17 anos, sendo 60 do sexo feminino e 60 do sexo masculino.

Os dados obtidos nos levaram à seis Modelos Organizadores do Pensamento e nos permitiram responder ao primeiro objetivo específico traçado, a saber: **identificar e analisar os modelos organizadores do pensamento a partir do modo como os sujeitos se posicionam diante da situação apresentada.**

No modelo 1, o qual agregou o maior número de participantes em comparação com os demais – 53 sujeitos –, a implicação entre os elementos abstraídos e os significados atribuídos foi o investimento na relação entre a primeira e a segunda personagens do conflito. Neste modelo, verificamos a concepção de *amor romântico*, visto que o amor foi compreendido apenas a partir dos aspectos emocionais e afetivos. Com vista à analise desses dados, recorremos especialmente às contribuições de Moreno e Sastre (2010), já que tais autoras nos ofereceram elementos para a crítica a esse tipo de amor.

No modelo 2 – composto por 8 participantes da pesquisa –, os sujeitos não mencionaram de modo significativo o afeto e o amor, tendo aconselhado o "ficar" e o

“pegar”, em detrimento do namoro, este considerado como uma relação mais séria pelos participantes da pesquisa. Para analisar este modelo, retomamos algumas questões abordadas no quadro teórico sobre o “ficar”.

No modelo 3 – composto por 19 participantes da investigação –, a implicação entre elementos abstraídos e os significados atribuídos foi o cuidado com a terceira personagem do conflito. Nele, verificamos que os sujeitos mencionaram o amor como *algo pelo qual se deve lutar*, porém não de forma incondicional, tal como no modelo 1, uma vez que consideraram necessário cuidado para não causar danos à terceira personagem do conflito. Para a análise dos dados advindos deste modelo, colaboraram especialmente os aportes de Carol Gilligan (1982). Porém, traçamos algumas críticas em relação ao trabalho dessa autora e explicitamos suas contribuições para nossa pesquisa, assim como os limites de seu trabalho.

Nos modelos 4 e 5, os sujeitos mencionaram a mesma compreensão acerca do amor, afirmando que o amor requer tempo. A implicação entre elementos abstraídos e os significados atribuídos no modelo 4 – composto por 15 participantes da pesquisa – foi o esquecimento da segunda personagem e, no modelo 5 – composto por 8 sujeitos da investigação –, foi o esquecimento da segunda personagem e o investimento na relação com a terceira personagem.

No modelo 6 – composto por 17 participantes da pesquisa –, a implicação entre elementos abstraídos e os significados atribuídos foi de que a primeira personagem refletisse sobre os sentimentos e atitudes em relação à segunda e terceira personagens. Os sujeitos deste modelo consideraram que o a*mor requer tempo, diálogo, conhecimento do(a) parceiro(a) e autorreflexão.* Tal dado nos levou a retomar o conceito de *amor confluente,* proposto por Giddens (1992), visto que tal autor coloca o diálogo como elemento central para a vivência das relações amorosas na sociedade contemporânea.

Neste último modelo, verificamos que os sujeitos que o compõem consideraram um número de elementos maior que os sujeitos que integram os demais modelos, apresentando, portanto, uma visão mais ampla e complexa que a apresentada nos modelos anteriores.

Com vista a responder ao segundo objetivo especifico da pesquisa **- identificar e analisar os sentimentos atribuídos às personagens do conflito e a relação entre elas** - observamos que os sujeitos da pesquisa revelaram uma série de sentimentos, tal como o gostar, o estar encantado e o amar, bem como o não gostar, o não estar amando etc. Nessa direção, pareceu-nos valiosa a concepção de Moreno e Sastre (2010), uma vez que essas autoras apontam que o amor é um complexo de sentimentos e não um sentimento isolado, contrariando, portanto, estudos como o de Rubin (1970) e o de Sternberg (1988).

Observamos, ademais, a prevalência do reconhecimento de que entre Fabiane/Pedro e Pedro/Fabiane há sentimentos não correspondidos, considerando-se que apenas a primeira personagem gosta da segunda. Conforme pudemos observar em nossos dados, 56 sujeitos da pesquisa explicitaram tal compreensão.

Contudo, apesar desse reconhecimento, observamos que também prevaleceu o aconselhamento para que a primeira personagem investisse na relação com a segunda. Lembramos que 53 sujeitos aconselharam tal investimento, conforme é possível verificar no modelo 1.

Esses dados nos levaram a algumas reflexões. Em primeiro lugar, retomamos as considerações de Walster e Berscheid (1982), visto que as autoras apontam para a complexidade da atração nas relações afetivo-amorosas, considerando que não há uma relação direta entre o sentimento de agrado/desagrado e a atitude de aproximação/repulsa. Assim, pode haver, por exemplo, sentimento de desagrado e a atitude de aproximação.

Observamos, ainda, a possibilidade de voltar à discussão acerca do amor como falta e sofrimento, uma vez que, mesmo reconhecendo que não há sentimentos positivos correspondidos, os sujeitos optaram por seguir investindo nesse tipo de relação. Parece-nos, portanto, que há um longo caminho para que o amor seja compreendido e vivenciado, como propõem Aristóteles (1991), desde a antiguidade, e Robert Solomon (1992): como uma relação que requer retribuição e doação mútua entre as partes envolvidas.

No que concerne ao terceiro objetivo específico – **identificar e analisar como o gênero se manifesta no modo como os sujeitos resolvem o conflito proposto** –, observamos que três pontos se destacaram.

Um primeiro ponto diz respeito ao fato de os participantes do sexo feminino terem mobilizado, mais que os participantes do sexo masculino, o princípio ético de cuidado na resolução do conflito. De acordo com nossos dados, o modelo 3 e o modelo 6, nos quais essa mobilização se deu, a composição se configurou da seguinte forma:

- o modelo 3 é composto por 3 sujeitos do sexo masculino e 16 participantes do sexo feminino;
- o modelo 6 é composto por 5 sujeitos do sexo masculino e 12 participantes do sexo feminino.

Esse dado nos remete, uma vez mais, ao trabalho de Gilligan. Tal autora, contrariando os estudos realizados sobre a moralidade realizados por Piaget (1932) e Kohlberg (1989, 1932), buscou ampliar a perspectiva da moral pautada apenas no princípio de justiça – que no

entender de Gilligan é predominante no desenvolvimento moral masculino –, uma vez que colocou em pauta a discussão sobre o princípio de cuidado – presente, na concepção da autora, sobretudo, no desenvolvimento moral feminino.

Um segundo ponto a ser destacado é que os participantes do sexo masculino reconheceram, menos que as participantes do sexo feminino, que entre Fabiane/Pedro e Pedro/ Fabiane há sentimentos não correspondidos. Conforme observamos em nossos dados: 34 participantes do sexo feminino apresentaram tal compreensão, enquanto que apenas 22 participantes do sexo masculino o fizeram. Diante desse dado, voltamos à discussão sobre a dinâmica do amor cortês e consideramos que uma leitura possível é que, ao assumir historicamente a tarefa de ter que conquistar, os homens tiveram que aprender a confiar que há sentimentos positivos correspondidos por parte da pessoa desejada.

Um terceiro e último ponto a ser discutido é de que os participantes do sexo masculino, mais que os participantes do sexo feminino, demonstraram a compreensão de *amor romântico*, bem como optaram, em maior número, pelo investimento na relação entre a primeira e a segunda personagens, de acordo com o que pudemos verificar no modelo 1. Conforme averiguamos, esse modelo é composto por 33 participantes do sexo masculino e 20 participantes do sexo feminino.

Na análise desse dado, atentamos para o fato de que a história entre Fabiane/Pedro e Pedro/Fabiane envolve a separação das personagens, razão que nos levou a indagar a dificuldade dos sujeitos do sexo masculino em aceitar a separação. Contudo, tal como ressaltamos, mais que pretender traçar conclusões, nosso intuito foi deixar reflexões, as quais, esperamos, possam ser tomadas como ponto de partida para outras pesquisas.

No que diz respeito ao quarto objetivo específico – **identificar se o princípio ético de cuidado é mobilizado na resolução do conflito apresentado** –, notamos, segundo já afirmamos anteriormente, que esse princípio compareceu apenas no modelo 3 e no modelo 6.

No modelo 3, o princípio ético de cuidado foi mobilizado visando evitar magoar e ferir a terceira personagem. Já no modelo 6, a mobilização se deu não somente em benefício da terceira personagem, mas também visando cuidar dos sentimentos e ações das três personagens do conflito. Nesse sentido, os sujeitos do modelo 6 mencionaram elementos como o diálogo, o conhecimento do outro e o autoconhecimento. Portanto, notamos que há diferenças significativas entre o modelo 3 e o modelo 6, visto que, embora a ética do cuidado se faça presente em ambos, é no modelo 6 que se verifica um número maior de elementos capazes de garantir a ética nas relações afetivo-amorosas.

Por fim, visando responder ao quinto e último objetivo específico da presente investigação – **identificar e analisar a compreensão dos sujeitos sobre relações afetivo-amorosas** –, observamos, ao retomar cada um dos modelos organizadores, diferentes compreensões sobre o afeto e o amor. Nesse sentido, pareceu-nos interessante destacar que os jovens apontaram não apenas para a valorização de relações afetivo-amorosas passageiras. Ao contrário, no modelo 2, em que essa compreensão se faz presente, deparamo-nos com um número pouco expressivo, uma vez que sua composição foi de apenas 6,7% dos participantes da pesquisa. Assim, apesar dos estudos que se dedicam a investigar as relações afetivas na juventude caminharem para uma discussão sobre o ficar, verificamos que é preciso abordar o afeto e o amor na juventude de modo muito mais amplo.

Com efeito, nossos dados revelam que persistem os ideais de amor romântico, marcado pela idealização do(a) parceiro(a) – tal como no modelo 1 –, mas também há novas formas de compreender as relações afetivo-amorosas, visto que – tal como no modelo 6 – os sujeitos apontaram para um amor menos idealizado e pautado especialmente no diálogo.

Diante de todos esses dados, interessa-nos, sobretudo, pensar a relevância das reflexões por eles aventadas para o campo educacional. Passemos a discuti-las.

8.1 Possíveis contribuições para o campo educacional

Ao longo da presente investigação, mencionamos a obra de Jesus Gomez (2004), "*El amor en la sociedad del riesgo*", visto que nesta encontramos a possibilidade de pensar um trabalho educativo sobre as relações afetivo-amorosas no seio do sistema educativo formal. Tal autor propõe que a escola assuma a tarefa de questionar quem são as pessoas que nos atraem, por que nos atraem e quais os modelos atrativos impostos pela sociedade.

Na perspectiva do autor em questão, essas indagações, e as reflexões por elas aventadas, permitiriam aos sujeitos reconhecerem que, socialmente, somos educados para gostar mais das pessoas que nos menosprezam que por aquelas que buscam ser dialógicas e correspondem afetivamente.

Em síntese, Gomez considera que esse processo educativo permitiria compreender que somos atraídos mais pela violência que pelo amor e, por conseguinte, poderia atuar no sentido de prevenir a violência de gênero.

Contudo, conforme atentamos no capítulo 3, não reconhecemos na proposta de Gomez elementos mais profundos que nos permita desenvolver um trabalho educativo.

Com efeito, a obra do autor deixa muitas brechas, primeiro, porque não define com profundidade o que considera como um modelo atrativo e, segundo, porque aponta principalmente para dois modelos atrativos de masculinidade: um modelo que se pauta no domínio e no poder – o qual considera necessário rechaçar – e, por outro lado, um modelo de masculinidade que tem como base o diálogo e o respeito ao relacionar-se com a companheira – esse segundo é considerado pelo autor como o modelo a ser valorizado.

De nosso ponto de vista, essa descrição, que vai de um extremo a outro, despreza a complexa trama que move os gostos, os desejos, as fantasias e os sentimentos dos sujeitos que vivenciam uma relação afetivo-amorosa.

Assim, nosso receio é que um trabalho pedagógico, a partir das orientações desse autor, acabe por transformar as indagações propostas em imposições, bem como limite as relações afetivo-amorosas a um fenômeno puramente racional, impondo o que se deve rechaçar e o que deve ser valorizado.

Buscando, portanto, um aporte mais sólido no sentido de abordar a temática das relações afetivo-amorosas entre os jovens, encontramos nos trabalhos de Sastre e Moreno (2002, 2003), Moreno (1999) e Arantes (2003) orientações para abordar a dimensão afetiva na escola. Destacamos que, embora as obras mencionadas não tratem diretamente sobre a temática das relações afetivo-amorosas na juventude, elas nos dão elementos para pensar um trabalho pedagógico com o tema.

De acordo com Sastre e Moreno (2002, 2003) e Moreno (1999), uma estratégia metodológica, para tomar os sentimentos e as emoções como objetos de estudo, é a proposta da resolução de conflito, visto que permite mobilizar tanto os aspectos cognitivos como também os afetivos. Conforme apontam as autoras, uma possibilidade é trabalhar a partir dos conflitos dos próprios alunos e alunas, partindo de fatos concretos de suas vidas e permitindo, pois, uma reflexão sobre seus sentimentos, seus valores, seus desejos, seus pensamentos e suas possibilidades de ação frente à situação relatada. Não se trata, portanto, de impor uma resposta pronta aos conflitos.

Nessa perspectiva, os sentimentos podem ser trabalhados como tema transversal, perpassando os conteúdos tradicionais. Desse modo, como atenta Arantes (2003), assumir tal proposta significa atuar no sentido de proporcionar uma formação ética e para a cidadania, uma vez que possibilita às alunas e aos alunos pensarem sobre uma sociedade mais justa e solidária, à medida que se dispõem a refletir acerca dos conflitos e de como resolvê-los de

forma não violenta. Trata-se, portanto, de aprender a administrar os próprios sentimentos e as emoções e de saber lutar pela própria felicidade e pela felicidade das outras pessoas.

Para clarificar a proposta das autoras supracitadas, traremos o exemplo de um trabalho realizado por Sastre e Moreno (2003), com estudantes de terceiro e quarto anos da Faculdade de Psicologia, da Universidade de Barcelona. Primeiramente, solicitou-se a esses estudantes que relatassem uma experiência pessoal que consideraram injusta nos últimos dois anos de suas vidas. O relato deveria considerar os seguintes elementos: fatos (o que aconteceu, as ações da pessoa que relata e as ações da outra pessoa); pensamentos (os pensamentos de quem relata e os pensamentos que o sujeito acredita que teve a outra pessoa); sentimentos (os sentimentos da pessoa que relata e os sentimentos que o sujeito acredita que a outra pessoa teve); e ajuda (que tipo de ajuda a pessoa que relata gostaria de receber).

O objetivo de tal trabalho foi permitir aos estudantes identificar os processos psíquicos ativados pela injustiça relatada e, a partir daí, refletir sobre formas não violentas de resolver o conflito.

De acordo com as autoras, a princípio, os estudantes tinham dificuldade de refletir sobre as possibilidades de enfrentarem as situações injustas relatadas, entretanto, à medida que se enriquecia o diálogo acerca dos pensamentos e dos sentimentos dos envolvidos no conflito, enriqueciam-se também as possibilidades de ação frente às situações relatadas.

Desse modo, reiteramos: tais autoras propõem que a escola aborde e trabalhe de forma sistemática a dimensão afetiva, questionando e refletindo acerca dos sentimentos dos sujeitos.

Contudo, conforme já apontamos na introdução do presente trabalho, a escola pouco tem se preocupado em atuar nesse sentido, dando primazia aos aspectos cognitivos. Assim, a educação formal preocupa-se principalmente com a vida pública, mas pouco preocupa-se com a preparação dos estudantes para a vida privada.

Nessa direção, Sastre e Moreno (2003) atentam para dados de um Informe Mundial sobre Violência e Saúde, da Organização Mundial de Saúde (OMS), referente ao ano de 2000. Tal informe apontou que o suicídio é a primeira causa de morte violenta no mundo. Ora, como bem destacam as autoras, possivelmente ninguém se suicida porque desconhece o teorema de Pitágoras, ou outros conteúdos ensinados pela escola, senão que carecem de recursos para administrar as emoções e os sentimentos.

Em nosso trabalho, gostaríamos de acrescentar um dado que nos parece alarmante. De acordo com Vieira et al. (2009), uma das causas que se destacam na fala de adolescentes que tentaram suicídio, em pesquisa realizada em contexto nacional, é o amor não correspondido. Apesar de esse amor não correspondido não se referir somente às relações de namoro, mas

também às relações familiares, tal dado nos permite ressaltar, uma vez mais, a relevância de se abordar a temática das relações afetivo-amorosas na educação formal.

No entanto, a escola segue pouco, ou quase nada, preocupando-se em abordar o tema. Lembremo-nos de que, conforme Felipe (2007), a escola ensina medidas prescritivas, no sentido de se evitar a gravidez precoce e as doenças sexualmente transmissíveis, contudo, pouco ou nada discute, orienta e reflete acerca das escolhas afetivo-amorosas entre os jovens.

Voltamos a ressaltar, portanto, a necessidade de um trabalho na educação formal sobre o afeto e o amor entre os jovens. Mas, a partir da presente investigação, atentamos também para os temas que o perpassam, como os sentimentos, as relações de gênero e os princípios éticos nas relações afetivo-amorosas.

Enfatizamos, dessa forma, um cuidado necessário ao trazer o tema das relações afetivo-amorosas na juventude como um objeto de estudo. De acordo com o que arguimos no capitulo 1, não pretendemos tratar a juventude a partir de características universais e homogeneizantes. Ao contrário, é preciso entender a juventude como categoria que se constrói a partir de influências sociais, culturais e históricas (OLIVEIRA, M. C. S. L., 2006; BOCK 2004; OZELLA E AGUIAR 2008; SPOSITO E CARRANO, 2003; SPOSITO, 2009; MELUCCI, 1997). Nesse sentido, faz-se necessário reconhecer os distintos modos de os sujeitos jovens pensarem, sentirem e agirem.

Com efeito, reconhecemos que os participantes de nossa investigação nos revelam distintas e importantes compreensões sobre as relações afetivo-amorosas. Entretanto, tais compreensões não são universais, visto que outros jovens, inseridos em contextos diferentes, poderiam, certamente, revelar-nos outros modos de se posicionar perante o conflito e de compreender o tema.

Por esse motivo, ao propormos um trabalho pedagógico com o tema das relações afetivo-amorosas na educação formal, não pretendemos que os resultados de nossa investigação sejam tratados de modo uniforme nas escolas, mas, pelo contrário, esperamos apenas que nossa investigação abra espaço para a reflexão sobre o tema e permita que outras experiências, outros conflitos e outras compreensões sobre o afeto e o amor possam emergir. Assim, a despeito das dificuldades de se trabalhar com a diversidade de sentimentos que os alunos possam apresentar, consideramos a importância de um trabalho educativo que os questione, sem cair, entretanto, em imposições e prescrições.